

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO (UFRJ)
CENTRO DE CIÊNCIAS JURÍDICAS E ECONÔMICAS (CCJE)
FACULDADE DE ADMINISTRAÇÃO E CIÊNCIAS CONTÁBEIS (FACC) CURSO DE
BIBLIOTECONOMIA E GESTÃO DE UNIDADE DE INFORMAÇÃO (CBG)

TAYSSA DE SOUZA CRAVEIRO

DIAGNÓSTICO DE CONSERVAÇÃO DO ACERVO DO ESPAÇO ANÍSIO TEIXEIRA

Rio de Janeiro

2023

TAYSSA DE SOUZA CRAVEIRO

DIAGNÓSTICO DE CONSERVAÇÃO DO ACERVO DO ESPAÇO ANÍSIO TEIXEIRA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial à obtenção do título de bacharel em Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação.

Orientadora: Silmara Küster de Paula Carvalho

Rio de Janeiro

2023

Ficha catalográfica

CIP - Catalogação na Publicação

C898d Craveiro, Tayssa de Souza
Diagnóstico de conservação do acervo do Espaço
Anísio Teixeira / Tayssa de Souza Craveiro. -- Rio
de Janeiro, 2023.
77 f.

Orientadora: Silmara Küster de Paula Carvalho.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade
de Administração e Ciências Contábeis, Bacharel em
Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação,
2023.

1. Biblioteca do Centro de Filosofia e Ciências
Humanas. 2. Espaço Anísio Teixeira. 3.
Biblioteconomia. 4. Diagnóstico de Conservação. 5.
Gerenciamento de Riscos. I. Carvalho, Silmara Küster
de Paula, orient. II. Título.

TAYSSA DE SOUZA CRAVEIRO

**DIAGNÓSTICO DE CONSERVAÇÃO PARA O ACERVO DO ESPAÇO ANÍSIO
TEIXEIRA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Biblioteconomia e Gestão de
Unidades de Informação da Universidade
Federal do Rio de Janeiro, como requisito
parcial à obtenção do título de bacharel em
Biblioteconomia e Gestão de Unidades de
Informação.

Rio de Janeiro, ____ de ____ de 20 ____.

Profª. Dra. Silmara Küster de Paula Carvalho (UFRJ)
Orientadora

Prof. Dr. Antonio José Barbosa de Oliveira (UFRJ)
Membro interno

Prof. Dr. Antonio Victor Rodrigues Botão (UFRJ)
Membro interno

À Deus e à minha família que tanto amo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, pela força, convicção e sabedoria que me foi dada para concluir este trabalho.

Aos meus pais, Sirlene e Luiz, por sempre me incentivarem nos estudos e terem dado o melhor de si para que hoje eu pudesse estar aqui realizando este sonho.

Às minhas irmãs, Larissa, Rayssa e Melissa por sempre acreditarem em mim e me ajudarem nos momentos de dificuldades.

Ao meu amor, Marco, por me animar e acreditar em mim, sempre me apoiando com seu amor, carinho, paciência, zelo e dedicação.

À minha orientadora, Silmara Küster de Paula Carvalho, pela sua amizade, paciência, dedicação, cuidado, disponibilidade, conselhos, correções e ensinamentos que tornaram possível a conclusão deste trabalho.

Aos meus professores, por terem contribuído da melhor forma que poderiam na minha formação profissional e pessoal.

À UFRJ, por proporcionar um ensino de qualidade e suporte que possibilitaram a minha permanência durante toda a graduação.

A todos aqueles que, de algum modo, estiveram e estão próximos a mim e me trouxeram até aqui. Deixo a todos a minha gratidão.

*“Eu te louvarei, porque de um modo assombroso,
e tão maravilhoso fui feito; maravilhosas são as
tuas obras, e a minha alma o sabe muito bem.”*

(Salmos 139:14)

RESUMO

A presente pesquisa estuda as condições de conservação da Biblioteca do Espaço Anísio Teixeira, pertencente à Biblioteca do Centro de Filosofia e Ciências Humanas. O objetivo geral é desenvolver um Diagnóstico de Conservação com base nos aspectos teóricos da conservação com o intuito de propor medidas pontuais e recomendações para o acervo de obras raras presentes no Espaço Anísio Teixeira. A metodologia de pesquisa é qualitativa caracterizado como descritiva e exploratória e o campo da pesquisa empírico devido a coleta de dados primários obtidos por meio da observação direta, durante as visitas técnicas, e das entrevistas orais semi-estruturadas realizadas com o bibliotecário responsável pela unidade de informação, sendo a análise dos dados qualitativos feita através de uma análise de conteúdo. Mediante a coleta dos dados elaborou-se o quadro diagnóstico de conservação que abrange o entorno da edificação, a edificação, as salas, o acondicionamento, o armazenamento e as condições climáticas em que as coleções estão inseridas de modo a descrever o levantamento das informações obtidas e avaliar as necessidades do Espaço Anísio Teixeira, além de identificar e definir prioridades a fim de verificar problemas e vulnerabilidades, conhecer os riscos e ameaças existentes e propor soluções técnicas sustentáveis. Desta maneira, foram recomendados e destacados os principais pontos que requerem mais atenção e cuidado por parte, não somente da Biblioteca, mas da instituição em si. Diante do que foi visto acerca do Espaço Anísio Teixeira, percebe-se que toda sua equipe compreende a importância do acervo e busca realizar ações que retardem a degradação de seu acervo tomando medidas que possam aumentar, mesmo que pouco, a vida útil dos materiais.

Palavras-chave: Biblioteca do Centro de Filosofia e Ciências Humanas; Espaço Anísio Teixeira; Biblioteconomia; Diagnóstico de Conservação; Gerenciamento de Riscos.

ABSTRACT

The present research studies the conditions of conservation of the Library of Espaço Anísio Teixeira, belonging to the Library of the Center of Philosophy and Human Sciences. The general objective is to develop a Conservation Diagnosis based on the theoretical aspects of conservation in order to propose specific measures and recommendations for the collection of rare works present in the Espaço Anísio Teixeira. The research methodology is qualitative characterized as descriptive and exploratory and the field of empirical research due to the collection of primary data obtained through direct observation, during technical visits, and semi-structured oral interviews carried out with the librarian responsible for the information unit, being the analysis of the qualitative data done through a content analysis. Through the collection of data, a conservation diagnosis framework was elaborated, covering the surroundings of the building, the building, the rooms, the packaging, the storage, and the climatic conditions in which the collections are inserted to describe the survey of the information obtained and assessing the needs of Espaço Anísio Teixeira, in addition to identifying and defining priorities to verify problems and vulnerabilities, learn about existing risks and threats and propose sustainable technical solutions. In this way, the main points that require more attention and care on the part, not only of the Library but of the institution itself, were recommended and highlighted. Given what was seen about Espaço Anísio Teixeira, it is clear that its entire team understands the importance of the collection and seeks to carry out actions that delay the degradation of its collection by taking measures that can increase, even if just a little, the useful life of the materials.

Keywords: Library of the Center for Philosophy and Human Sciences; Anísio Teixeira Space; Library science; Conservation Diagnosis; Risk management.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 -	Processo de gestão de riscos.....	35
Quadro 1 -	Riscos genéricos provocados pelos agentes de deterioração.....	40
Quadro 2 -	Classificação da frequência de ocorrência dos riscos.....	42
Quadro 3 -	Classificação de frequência dos agentes de deterioração.....	42
Quadro 4 -	Valoração de bens materiais.....	43
Quadro 5 -	Equação para determinar a magnitude de riscos.....	45
Quadro 6 -	Tabela de classificação de riscos do Arquivo Nacional.....	45
Quadro 7 -	Estágios de controle de riscos.....	47
Quadro 8 -	Diagnóstico de Conservação do Espaço Anísio Teixeira.....	49
Figura 2 -	Visão da frente da biblioteca.....	56
Figura 3 -	Visão da frente da biblioteca de outro ângulo.....	57
Figura 4 -	Entrada e saída externa do Espaço Anísio Teixeira.....	57
Figura 5 -	Entrada e saída interna do Espaço Anísio Teixeira.....	58
Figura 6 -	Espaço de higienização e pequenos reparos dos materiais.....	59
Figura 7 -	Janelas da Biblioteca e instalação elétrica aparente.....	60
Figura 8 -	Primeiro pavimento da Biblioteca.....	61
Figura 9 -	Visão de cima do primeiro pavimento da Biblioteca.....	62
Figura 10 -	Estantes do segundo pavimento.....	63
Figura 11 -	Estado das estantes do segundo pavimento.....	63
Figura 12 -	Final dos corredores das estantes do segundo pavimento.....	64
Figura 13 -	Estante com folhetos acondicionados em caixas-arquivo.....	65
Figura 14 -	Parte do acervo do Espaço Anísio Teixeira.....	65
Figura 15 -	Outra parte do acervo do Espaço Anísio Teixeira.....	66
Figura 16 -	Móveis de Anísio Teixeira.....	67
Quadro 9 -	Principais pontos fortes e fracos do Espaço Anísio Teixeira.....	68

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	13
1.1	PROBLEMA.....	14
1.2	OBJETIVO GERAL.....	15
1.2.1	Objetivos específicos.....	15
1.3	JUSTIFICATIVA E RELEVÂNCIA.....	15
1.4	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	16
1.4.1	Campo de pesquisa.....	16
1.4.2	Técnicas de coleta e análise de dados.....	17
2	REFERENCIAL TEÓRICO.....	18
2.1	PRESERVAÇÃO.....	22
2.1.1	Política de Preservação.....	23
2.2	ASPECTOS TEÓRICOS DO DIAGNÓSTICO DE CONSERVAÇÃO.....	25
2.2.1	Conceito de Conservação.....	26
2.2.2	Diagnóstico de Conservação.....	29
2.3	GERENCIAMENTO DE RISCOS.....	30
2.3.1	Conceituação do Gerenciamento de Riscos.....	32
2.3.2	Fatores de risco inerentes à biblioteca.....	35
2.3.3	Agentes de risco.....	37
<u>2.3.3.1</u>	<u>Principais agentes de risco.....</u>	<u>38</u>
2.3.4	Tipos de ocorrências dos riscos.....	41
2.3.5	Atributos de valoração.....	43
2.3.6	Magnitudes de riscos.....	44
2.3.7	Tratamento de riscos, monitoramento e revisão.....	46
3	DIAGNÓSTICO DE CONSERVAÇÃO DO ESPAÇO ANÍSIO TEIXEIRA.....	49
3.1	QUADRO DIAGNÓSTICO.....	49
4	ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	56

4.1	PONTOS FORTES E FRACOS DA BIBLIOTECA.....	68
4.2	RECOMENDAÇÕES GERAIS.....	68
5	CONCLUSÃO	70
	REFERÊNCIAS	71

1 INTRODUÇÃO

A Biblioteca do Centro de Filosofia e Ciências Humanas (BCFCH) pertence à Universidade Federal do Rio de Janeiro e foi fundada em 1971, juntamente com o Centro de Filosofia e Ciências Humanas (CFCH), localizada no campus da Praia Vermelha da UFRJ (Av. Pasteur, 250 - Prédio/Decania do CFCH - 22295-900 - Rio de Janeiro) e faz parte do Sistema de Biblioteca e Informação (SiBI). A BCFCH manteve-se fechada durante alguns anos devido à falta de um espaço físico. Em 1979, com a mudança do Instituto de Microbiologia para a Cidade Universitária, ela pôde finalmente conquistar o seu ambiente físico que, atualmente, é o edifício sede do CFCH.

Conforme Jardim (2008, p. 280):

A Biblioteca, a esta época com um acervo estimado em cerca de 70 mil volumes, foi desativada e, por decisões políticas, uma parte significativa de seu acervo é deixada no Rio de Janeiro, doado, em caráter definitivo, ao Centro de Filosofia e Ciências Humanas da UFRJ em setembro de 1977, sendo organizado e aberto ao público em 1979, com o apoio financeiro da Fundação Universitária José Bonifácio– FUJB. Este acervo encontra-se localizado na Biblioteca do CFCH – Espaço Anísio Teixeira, no Campus da Praia Vermelha.

Anos depois a Biblioteca passou por um planejamento que visava reestruturar as bibliotecas já existentes no campus, através deste projeto, em 1990 foi construído o edifício que abrange o Espaço Anísio Teixeira de Obras Raras. Tal projeto também trouxe melhorias para outros espaços da BCFCH, como no seu prédio Anexo.

A BCFCH é especializada nas áreas de Ciências Humanas e Sociais, abrangendo diversos suportes como livros, monografias, periódicos, obras de referência, teses, dissertações e coleções especiais que encontram-se disponíveis na Base Minerva (Catálogo *on-line* das bibliotecas da UFRJ). A missão da BCFCH é propiciar o acesso às informações de forma segura, contribuindo para “[...] a formação do profissional e cidadão nos campos científico, tecnológico, cultural e humanístico, com a utilização eficaz dos recursos públicos.” (BIBLIOTECA DO CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS, 2023a). Dentre seus objetivos, destaca-se “[...] o compromisso com a democratização do acesso à informação de forma equitativa, respeitando a ética e os valores humanos.” (BIBLIOTECA DO CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS, 2023a).

O acervo geral da Biblioteca do CFCH é dividido em três espaços com o objetivo de garantir uma melhor organização. Pode ser consultado por meio da Base Minerva, encontra-se organizado e distribuído nos **prédios da Decania do CFCH**, no **Anexo do CFCH** e no **Espaço Anísio Teixeira**, espaço escolhido para a realização do diagnóstico de conservação na presente pesquisa.

A Biblioteca do CFCH disponibiliza o acesso ao Portal de Periódicos Capes e consulta a Base Minerva e local, além de oferecer produtos com vistas à divulgação da informação por meio dos programas: O **Minuto da Biblioteca**, com a finalidade de divulgar informações sobre os serviços oferecidos, coleções, dicas de pesquisa e curiosidades; O **Clipping da Biblioteca do CFCH**, com objetivo de divulgar, por email e aplicativos de mensagens, os produtos e serviços da biblioteca, além de dicas para apoiar o ensino, a pesquisa e a extensão, para alcançar os usuários que não utilizam as redes sociais; E, a **Vitrine da Memória**, com a proposta de divulgar a preservação do acervo.

A Biblioteca atende à comunidade em geral, porém, especificamente, aos cursos de graduação e de pós-graduação das seguintes unidades: Faculdade de Educação, Instituto de Psicologia, Escola de Serviço Social, Escola de Comunicação, Relações Internacionais e o Núcleo de Estudos de Políticas Públicas em Direitos Humanos (NEPP-DH).

A equipe é composta por vinte e dois profissionais, dividida em quatro setores: Catalogação e aquisição de livros e teses; Referência e circulação de livros e teses; periódicos e base de dados; e, por fim, Espaço Anísio Teixeira.

O Espaço Anísio Teixeira destina-se à coleção de obras especiais e raras da BCFCH - doados pelo Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (INEP) - que conta com cerca de 45 mil itens, incluindo obras raras e especiais datadas dos últimos três séculos, que podem ser consultadas localmente apenas, ou seja, não são passíveis de empréstimo. Dessa forma, o espaço é frequentado por alunos, pesquisadores e professores.

A presente pesquisa busca elaborar um Diagnóstico de Conservação que possibilite a estruturação de recomendações básicas para o acervo de obras raras do Espaço Anísio Teixeira, pertencente à Biblioteca do Centro de Filosofia e Ciências Humanas, de modo que não somente essa unidade seja beneficiada, mas todo o seu entorno.

1.1 PROBLEMA

Este estudo apresenta a seguinte questão:

- a) Em quais condições de conservação se encontram o raro acervo da Biblioteca do Centro de Filosofia e Ciências Humanas, especificamente do Espaço de Anísio Teixeira, e quais devem ser as recomendações para a preservação do seu acervo?

1.2 OBJETIVO GERAL

O objetivo geral deste trabalho é desenvolver um Diagnóstico de Conservação com base nos aspectos teóricos da conservação com o intuito de propor medidas pontuais e recomendações para a Biblioteca do Centro de Filosofia e Ciências Humanas, especificamente para seu acervo de obras raras presentes no Espaço Anísio Teixeira.

1.2.1 Objetivos específicos

Para os objetivos específicos têm-se:

- a) Realizar um levantamento das informações da situação em que se encontra a biblioteca;
- b) A partir da coleta de informações, desenvolver um Diagnóstico de Conservação para o Espaço Anísio Teixeira;
- c) Analisar os dados obtidos de modo a destacar os pontos fortes e fracos do espaço;
- d) Propor recomendações gerais para o acervo do Espaço Anísio Teixeira e sua edificação com base no seu entorno.

1.3 JUSTIFICATIVA E RELEVÂNCIA

A motivação para a pesquisa baseia-se no interesse e na identificação com os temas estudados nas disciplinas de História do Registro da Informação e Preservação dos Suportes Informacionais no 1º e 8º período, respectivamente, do curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), e na experiência inicial adquirida ao realizar leituras, estudos e participar dos trabalhos propostos

pelas disciplinas.

Ademais, o longo histórico de acidentes e, principalmente, incêndios ocorridos em patrimônios culturais mundiais que acarretaram na perda de diversos tesouros valiosos que poderiam ter sido evitados ou tomado baixas proporções também se torna o maior destaque na escolha do tema em questão e sua elaboração, pois o tratamento das não conformidades, permitirá a preservação de acervos documentais, reduzindo os perigos a que estão expostos e apurando soluções para todo tipo de adversidade encontrada.

1.4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A presente pesquisa é um estudo de caso que foi elaborado com metodologia qualitativa caracterizado como descritivo e exploratório. Os estudos de caso objetivam uma maior profundidade e exaustão de um ou alguns objetos, dessa forma, eles possibilitam um conhecimento mais amplo e rico em detalhes (GIL, 2008, p. 57), algo que é pertinente nesta pesquisa.

A abordagem qualitativa se faz relevante uma vez que “[...] preocupa-se, portanto, com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais.” (GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p. 32).

A determinação deste estudo como de nível descritivo é porque requer, por parte do pesquisador, diversos dados e informações sobre o que se pretende investigar e procura descrever a realidade e acontecimentos vividos (GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p. 35).

Outrossim, as pesquisas de nível exploratório têm o “[...] objetivo de proporcionar visão geral, de tipo aproximativo, acerca de determinado fato.” (GIL, 2008, p. 27). Gil (2002, p. 40) complementa dizendo que as pesquisas exploratórias proporcionam:

[...] maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses. Pode-se dizer que estas pesquisas têm como objetivo principal o aprimoramento de idéias ou a descoberta de intuições. Seu planejamento é, portanto, bastante flexível, de modo que possibilite a consideração dos mais variados aspectos relativos ao fato estudado.

1.4.1 Campo de pesquisa

O campo da pesquisa determina-se como empírico devido à coleta de dados primários por meio da observação e do bibliotecário responsável pela unidade de informação através de entrevistas. Serão coletadas informações acerca do Espaço Anísio Teixeira, ligado à Biblioteca do Centro de Filosofia e Ciências Humanas pertencente à Universidade Federal do Rio de Janeiro localizada no Campus da Praia Vermelha.

1.4.2 Técnicas de coleta e análise de dados

Foram realizadas entrevistas com o profissional responsável pela biblioteca em questão, além de visitas técnicas na unidade de informação fazendo uso da observação direta como técnica de coleta de dados. A análise de dados qualitativos foi feita através de uma análise de conteúdo.

Gil (2008, p. 109) define a entrevista como um processo de interação social a qual uma parte dedica-se na coleta de dados e a outra no fornecimento de informações, tornando-se a fonte destas informações. Somado a isso, a observação simples, segundo Gerhardt e Silveira(2009, p. 74), é um processo “[...] que faz uso dos sentidos para a apreensão de determinados aspectos da realidade [...]”, exigindo uma maior familiaridade por parte do pesquisador com o seu objeto de estudo, assim como, uma análise espontânea de como os fatos ocorrem, gerando um controle na coleta das informações.

A análise de conteúdo é definida como “[...] um conjunto de técnicas de análise de comunicações.” (BARDIN, 2016). Diante disso, pode-se pensar que qualquer comunicação que veicule um conjunto de significações de um emissor para um receptor pode, a princípio, ser decifrada pelas técnicas de análise de conteúdo.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Os suportes informacionais sempre foram de grande importância para a história, principalmente devido à sua função de preservação do conhecimento. Os primeiros suportes que se tem registro são as pinturas parietais feitas pelos hominídeos no período pré-histórico, entre o Paleolítico (40.000 a.C.) e o Neolítico (10.000 a 6.000 a.C.). A partir do surgimento da escrita pelos sumérios na Mesopotâmia, por volta de 3300 a. C., os suportes da informação passaram por diversas modificações com o intuito de facilitar não somente sua produção, mas seu uso e difusão (BARBIER, 2008). De acordo com Pupo (2010, p.1), “[...] os seres humanos utilizam materiais diversos para contar suas descobertas, escrevendo em cavernas, papiro, pergaminho, tábuas, até a invenção do papel que, desde o século XII, tem sido um aliado seguro para a escrita.”

A evolução humana só foi possível graças ao repasse de ensinamentos, ideias e valores entre gerações que inicialmente eram feitas através da oralidade e, com o passar dos anos, por meio da escrita - que continua sendo o meio mais utilizado atualmente para registrar novos conhecimentos, conforme Caldeira (2002) sobre a trajetória dos primeiros povos acerca da evolução dos suportes informacionais:

Os sumérios guardavam suas informações em tijolo de barro. Os indianos faziam seus livros em folhas de palmeiras. Os maias e os astecas, antes do descobrimento das Américas, escreviam os livros em um material macio existente entre a casca das árvores e a madeira. Os romanos escreviam em tábuas de madeira cobertas com cera. Os egípcios desenvolveram a tecnologia do papiro, uma planta encontrada às margens do rio Nilo, suas fibras unidas em tiras serviam como superfície resistente para a escrita hieróglifa. Os rolos com os manuscritos chegavam a 20 metros de comprimento. O desenvolvimento do papiro deu-se em 2200 a.C e a palavra papiryrus, em latim, deu origem a palavra papel. Nesse processo de evolução surgiu o pergaminho feito geralmente da pele de carneiro, que tornava os manuscritos enormes, e para cada livro era necessária a morte de vários animais.

Medeiros (2019, p. 70) complementa:

Durante milênios, os homens se agruparam em pequenos núcleos, que paulatinamente se organizaram em sociedades mais complexas. As marcas de suas mãos, os desenhos de animais nas cavernas, as esparsas inscrições em pedras e ossos evoluíram para novas formas de comunicação e para uma contínua busca do conhecimento. Quando a sociedade se tornou ainda mais complexa e as informações não cabiam mais na memória humana, nasce a escrita, há cerca de

5.300 anos¹. Ela surge em um momento especial da humanidade, um momento de fartura no Egito e nas terras férteis da Mesopotâmia, entre os rios Tigre e Eufrates. Este período viu também nascerem outras civilizações, como a civilização chinesa e do Vale do Indo, onde hoje são o Paquistão e a Índia.

Desse modo, grande parte das informações atreladas à memória humana estão contidas em diversos tipos de suportes informacionais que podem ser dotados de grande valor patrimonial, uma vez que dizem respeito à identidade cultural de uma determinada sociedade e época. Tais suportes informacionais preservam a cultura e a história e quando devidamente preservados possibilitam o acesso das gerações atuais e futuras.

Segundo Medeiros (2019, p.70) “as bibliotecas surgem de uma necessidade do homem em manter seus registros”, neste contexto e analisando esse contexto juntamente com as concepções de Campello (2006), as bibliotecas são instituições responsáveis por manter, guardar e preservar o conhecimento repassado entre gerações. Tal conhecimento e informações só foram organizados por tais unidades de informação a partir do surgimento das primeiras bibliotecas na Mesopotâmia (por volta do segundo milênio a.C.) (MEDEIROS, 2019, p. 71 apud BAEZ, 2006), antes mesmo da invenção da Imprensa desenvolvida no Oriente (CAMPELLO, 2006) - uma das primeiras ferramentas de organização utilizadas nesse tempo que pode servir como exemplo é o Pinakes (também chamado de Pinakoi) criada por Calímaco (MEY; SILVEIRA, 2009) -, permitindo que lhe sejam atribuídas múltiplas funções e reconhecida como detentora do saber. Complementando esse pensamento, Monteiro e Carelli (2007) afirmam que, além dos museus e dos arquivos, as bibliotecas passaram a ser consideradas como lugares em que a perspectiva da memória humana é preservada.

No Brasil, existe uma complexidade no assunto quando se trata de falar acerca da primeira biblioteca em território brasileiro, pois faz-se necessário realizar um levantamento histórico não somente da biblioteca, mas da história do Brasil, além de que há poucos registros que relatam a criação das primeiras bibliotecas do Brasil (SANTOS, 2010, p. 51). Entretanto, estima-se que as primeiras bibliotecas brasileiras surgiram por volta do século XVI devido à chegada dos portugueses em terras brasileiras, chamado período colonial, e dos registros apresentados no Anuário Estatístico do Brasil de 1954 (1954, p. 431) que expõe a existência de 2.195 bibliotecas durante o ano de 1581 até 1953, o que sugere a

¹ Tempo estimado.

criação de tais unidades de informação (UI) um pouco antes ou durante essa época.

Silva (2010, p. 51) complementa:

O aparecimento de livros, instituições de ensino e, posteriormente, as bibliotecas, só ocorrerão a partir de 1549 com a instalação do Governo Geral, em Salvador (Bahia). A partir dessa data começou, de fato, o sistema educacional no Brasil e são, com o estabelecimento dos conventos de diversas ordens religiosas, principalmente da Companhia de Jesus - os Jesuítas - que serão formados os primeiros acervos no país.

Diante disso, é possível considerar que, a princípio, as primeiras bibliotecas eram de caráter religioso e voltadas para o âmbito escolar.

A falta de registros precisos sobre o assunto gerou conflitos sobre a afirmação de pesquisadores sobre qual seria a primeira biblioteca pública do Brasil, já que ambas foram inauguradas no dia 13 de maio de 1811, sendo elas: a Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro e a Biblioteca Pública da Bahia. No entanto, para esclarecer qual dentre as duas teria sido de fato a primeira, analisa-se o pensamento de Suaíden (1980, p. 4) que afirma que a primeira biblioteca pública do Brasil foi a Biblioteca Pública da Bahia, pois a Biblioteca Nacional já existia em Lisboa, mas que apenas teve sua sede transferida.

Apesar do surgimento das bibliotecas brasileiras no século XVI, a devida importância e preocupação dada a conservação preventiva em unidades de informação só teve início no Brasil no século XX. Desse modo, dentre alguns marcos relacionados destacamos o Compromisso de Brasília e o Compromisso de Salvador, ambos da década de 70 (CALDEIRA, 2006, p. 97). O Compromisso de Brasília tratou da importância do cuidado com acervos culturais e naturais, como arquitetônico, paisagístico, artístico, arquivístico e bibliográfico de acordo com suas peculiaridades e regulamentações técnicas de diferentes órgãos, de modo a ratificar a interdisciplinaridade da conservação e a necessidade de cursos superiores nesse âmbito. Conforme o documento, é aconselhado “[...] a conservação do acervo bibliográfico, observadas as normas oferecidas pelos órgãos federais especializados na defesa, instrumentação e valorização desse patrimônio.” (IPHAN, 1970, p. 3).

O Compromisso de Salvador, realizado em 1971, vem complementar o Compromisso de Brasília, destacando a urgência de verbas voltadas para as medidas de manutenção física do patrimônio nacional, além de, ressaltar a magnitude do desenvolvimento de um Ministério da Cultura, Secretarias ou Fundações de Cultura de níveis nacionais e estaduais

(CALDEIRA, 2006, p. 98).

Com base nos estudos e pesquisas sobre a conservação dos acervos, novas ferramentas foram propostas para as instituições com o objetivo de preservar como, por exemplo, o diagnóstico de conservação proposto pelo Getty Conservation Institute (GCI) que conforme Souza, Rosado e Froner (2008, p. 3):

Durante os anos 90, o Consórcio Latino-Americano de Conservação desenvolveu um projeto conjunto entre o CECOR-UFG, The Getty Conservation Institute (GCI), a Fundação VITAE e outras instituições latino-americanas, que visava o desenvolvimento de ações em rede para a implementação de políticas preventivas a partir de experiências comuns. Dessa parceria, vários cursos foram elaborados para formar agentes multiplicadores de conhecimento e alguns projetos pilotos foram implementados, como o Gerenciamento Ambiental do Museu de Arte Sacra de Salvador, em 1998. Em decorrência desse projeto, as instituições envolvidas aplicaram um modelo de diagnóstico utilizado pelo GCI, o qual foi traduzido e adaptado do original “The Conservation Assessment: A Proposed Model for Evaluating Museum Environmental Management Needs” (1999), coordenado por Kathleen Dardes.

No ano de 1996 houve o lançamento do projeto cooperativo interinstitucional intitulado “Conservação Preventiva em Bibliotecas e Arquivos” que, segundo Beck (2005, p. 258):

[...] traduziu, publicou e distribuiu, ao todo, gratuitamente, quatro mil exemplares de 53 manuais técnicos, que contemplam questões administrativas e técnicas de preservação, relacionadas ao monitoramento das condições ambientais, à microfilmagem e digitalização e à preservação de acervos em meio digital; à construção, reforma e manutenção de edifícios de bibliotecas e ao planejamento de preservação, de livros e documentos em papel, de filmes, fotografias, discos e meios magnéticos.

Dessa forma, compreende-se que a conservação preventiva é indispensável quando se trata do cuidado com a memória social uma vez que ela envolve diferentes conceitos dentro de si, como a preservação e restauração que também estão atrelados à cautela dada às políticas preservativas de ambientes informacionais que carregam grande valor institucional e social. Dito isso, é de extrema relevância que sejam tomadas medidas com a finalidade de preservar todo o patrimônio cultural detido pelos museus, arquivos e, em especial, bibliotecas.

A elaboração de uma Política de Preservação (PP) e, especialmente, um Diagnóstico De Conservação (DC) são propostas cruciais para minimizar os riscos aos quais os acervos

estão sujeitos, permitindo sua preservação e disponibilização para consultas da população. Ademais, o bibliotecário, por ser um profissional adepto a mudanças e se mantém atualizado para atender as demandas de seu público (ALVES; SANTOS, 2018), pode adquirir o conhecimento necessário para realizar uma parte o processo de conservação preventiva, mas em caso de especialização nessa área, o conhecimento ampliado do bibliotecário traz mais possibilidades de atuação.

Além disso, os prejuízos causados nos acervos ocasionados por desastres naturais - como enchentes, deslizamento de terra, alagamentos, incêndios, etc. - e pela ação do homem - como vandalismo, furto, terrorismo, dentre outros - pode-se afirmar que tais fatores relacionados aos acervos assolam também a todos, independentemente de condições políticas, econômicas ou geográficas e podem gerar danos devastadores sem a possibilidade de recuperação (ONO, 2004). Um exemplo a ser citado é o caso do Museu Nacional do Rio de Janeiro - localizado na Quinta da Boa Vista - que teve quase todo seu acervo e edifício histórico destruídos, após um incêndio no dia 2 de setembro de 2018, dentre muitos outros casos.

Tais catástrofes, apenas evidenciam cada vez mais a falta de atenção dada para essas unidades de informação e a importância de se ter um planejamento para em casos de situações extremas evitando, assim, possíveis catástrofes que coloquem em cheque grandes coleções e até mesmo vidas humanas.

2.1 PRESERVAÇÃO

Cassares e Moi (2000, p. 12) define a preservação como “[...] um conjunto de medidas e estratégias de ordem administrativa, política e operacional que contribuem direta ou indiretamente para a preservação da integridade dos materiais.” Já a Fundação Biblioteca Nacional (2020, p. 20) a conceitua como um agrupamento de “[...] medidas e ações definidas com o objetivo de salvaguardar os bens culturais e garantir sua integridade e acessibilidade para as gerações presentes e futuras. Inclui ações de identificação, catalogação, descrição, divulgação, conservação e restauração.”

À vista disso, compreende-se que a preservação abriga diferentes conceitos dentro de si, o que a torna uma área interdisciplinar que é vista “[...] como uma possível estratégia pedagógica e epistemológica para responder aos diferentes problemas de uma determinada

área, cuja resposta ou solução demanda conhecimentos oriundos de diferentes áreas.” (PINHEIRO; GRANATO, 2012, p. 29). Ademais, Pinheiro e Granato (2012, p. 31) acreditam que:

A preservação surge como instrumento para essa transmissão e consiste em qualquer ação que se relacione à manutenção física desse bem cultural, mas também a qualquer iniciativa que esteja relacionada ao maior conhecimento sobre o mesmo e sobre as melhores condições de como resguardá-lo para as futuras gerações. Inclui, portanto, a documentação, a pesquisa em todas as dimensões, a conservação e a própria restauração, aqui entendida como uma das possíveis ações para a conservação de um bem.

Além do mais, Silva (1998) agrega dizendo que a preservação:

[...] portanto, deve ser entendida, hoje em dia, pelo seu sentido geral e abrangente. Seria, então, toda ação que se destina a salvaguardar ou a recuperar as condições físicas e proporcionar permanência aos materiais dos suportes que contêm a informação. É o “guarda-chuva”, sob o qual se “abrigam” a conservação, restauração e a conservação preventiva. À preservação cabe ainda a responsabilidade de determinar as escolhas mais adequadas de reformatação de suporte para a transferência da informação.

Somado a isso, a preservação “em um sentido geral, trata-se de toda a ação que se destina à salvaguarda dos registros documentais.” (SPINELLI; BRANDÃO; FRANÇA, 2011, p. 4). Desse modo, a preservação é um agrupamento de ações gerenciais que visam manter a integridade de um bem cultural que envolve aspectos administrativos que cumpre diferentes técnicas que estendem a vida de tais bens, conservando as informações presentes em qualquer tipo de suporte informacional, prevenindo assim, possíveis danos ao material.

2.1.1 Política de Preservação

A política de preservação é um plano escrito que deve ser discutido previamente com todas as pessoas envolvidas direta ou indiretamente com os acervos. De acordo com o contexto de cada organização, define as diretrizes a serem tomadas para a conservação. Posto isso, ficam esclarecidos os objetivos de curto, médio e longo prazo a serem alcançados, assim como suas prioridades, e as responsabilidades de cada componente presente na unidade de informação.

Diante dos desafios presentes na preservação de acervos, “[...] fazem-se necessárias a

elaboração e uso de políticas de preservação por essas entidades, para que possam atender suas comunidades, disseminando a informação e garantindo a integridade da memória para gerações futuras.” (CAMPOS; SANTOS; MATTOS, 2007). Além do mais, “[...] o que é preservado pode dizer muito a respeito da construção sócio histórica do país e do momento político vivido pela sociedade.” (SUNDSTRÖM, 2019, p. 128).

De acordo com as autoras Campos, Santos e Mattos (2007) pode-se pensar que:

Políticas de preservação propõem ações, cujo objetivo é manter a integridade dos acervos e garantir que estes tenham uma vida longa. Uma política de preservação efetiva depende , como qualquer outro aspecto de administração, recursos financeiros, materiais e humanos. Alguns fatores serão determinantes para o estabelecimento dos objetivos de uma política a ser implantada, como o tipo, a quantidade e o uso do acervo e as características e demandas dos usuários.

A política de preservação abrange vários programas a saber (FIOCRUZ, 2020, p. 52):

- a) **Programa de incorporação:** orienta as atividades de identificação de novos itens para os acervos, estabelece diretrizes gerais com critérios para incorporação, desbaste e descarte, alinhados aos códigos de ética dos organismos nacionais e internacionais, à missão da unidade e às linhas temáticas dos acervos. Definindo prioridades em função de tipologias, conservação, armazenamento e recursos (CASA DE OSWALDO CRUZ, 2013, p. 19);
- b) **Programa de tratamento técnico:** define procedimentos e metodologias para a documentação do acervo. Especifica os padrões utilizados para a organização dos acervos. (CASA DE OSWALDO CRUZ, 2013, p. 19);
- c) **Programa de conservação e restauração:** define os critérios, métodos e técnicas a serem adotados para a conservação e restauração dos acervos. Define medidas preventivas para minimizar a deterioração dos materiais, incluindo o gerenciamento ambiental e o estabelecimento de rotinas de monitoramento e vistoria dos acervos (CASA DE OSWALDO CRUZ, 2013, p. 19);
- d) **Programa de segurança:** define um programa de segurança contemplando responsabilidades, normas técnicas e legislações em vigor, níveis de acesso aos diferentes acervos, limites da capacidade de carga dos edifícios, além de

procedimentos a serem seguidos para minimizar os riscos de roubo, vandalismo e danos aos acervos. Define uma metodologia a ser adotada no gerenciamento de riscos para edifícios, acervos e público (CASA DE OSWALDO CRUZ, 2013, p. 19);

- e) **Programa de acesso, empréstimo e reprodução:** define critérios, padrões e instrumentos de acessibilidade aos acervos. Determina critérios, condições e procedimentos de manuseio, empréstimo e reprodução dos acervos. Estabelece um plano de preservação digital com objetivos, critérios de seleção do material, procedimentos para os diferentes tipos de suporte, recursos tecnológicos, recursos financeiros, infra-estrutura e capacitação da equipe (CASA DE OSWALDO CRUZ, 2013, p. 19);
- f) **Programa de difusão cultural:** Define ações prioritárias na difusão dos acervos e de conhecimentos a eles relacionados, tendo em vista as diretrizes dos demais programas. Adota um planejamento para a difusão de conhecimentos relacionados aos acervos e a produção de publicações e outros produtos e ações, tanto entre pares como para públicos não especializados, que visem a valorização do patrimônio (CASA DE OSWALDO CRUZ, 2013, p. 19).

Mediante à apresentação de vários programas, o vigente trabalho deu ênfase ao programa de conservação devido a sua proximidade com o tema pesquisado. Para a realização do programa de conservação de acervos é fundamental a realização de um diagnóstico de conservação. Dessa maneira, o estabelecimento de uma política de preservação é feita de acordo com o diagnóstico de conservação realizado, diferenciando de instituição para instituição e de acordo com o contexto e a localização geográfica. A partir de um diagnóstico de conservação será possível ter uma visão ampla não somente do ambiente interno, mas também dos riscos e perigos do seu entorno e que poderão afetar as coleções. Assim, tais políticas são direcionadas de acordo com as necessidades encontradas.

2.2 ASPECTOS TEÓRICOS DO DIAGNÓSTICO DE CONSERVAÇÃO

Para que se tenha ciência da importância da elaboração de um quadro diagnóstico eficiente que pode ser usado mais tarde para criar uma política de preservação, compreende-se que seus aspectos teóricos devem ser apresentados com o intuito de não

somente facilitar a compreensão dos conceitos, mas também lembrar o que os diferencia, pois apesar das definições de conservação, preservação e restauração estarem estreitamente ligadas, sendo até mesmo confundidas devido a sua interdisciplinaridade, são distintas.

2.2.1 Conceito de Conservação

A Conservação está ligada a “[...] um conjunto de ações estabilizadoras que visam desacelerar o processo de degradação de documentos ou objetos, por meio de controle ambiental e de tratamentos específicos (higienização, reparos e acondicionamento).” (CASSARES; MOI, 2000, p. 12). Dessa forma, a conservação pode ser entendida como sendo as ações que são feitas diretamente nos acervos científicos e culturais, objetivando interromper ou retardar as etapas de deterioração (FIOCRUZ, 2020, p. 11), além de disso, a conservação pode ser considerada como:

[...] todas aquelas medidas ou ações que tenham como objetivo a salvaguarda do patrimônio cultural tangível, assegurando sua acessibilidade às gerações atuais e futuras. A conservação compreende a conservação preventiva, a conservação curativa e a restauração. Todas estas medidas e ações deverão respeitar o significado e as propriedades físicas do bem cultural em questão. (ABRACOR, 2010).

Portanto, é possível considerar que a conservação se preocupa com os diversos fatores de degradação dos suportes informacionais, pois eles podem contribuir para a degradação acelerada do suporte, comprometendo sua existência e integridade intelectual e estética. Entretanto, é preciso ressaltar que a conservação não elimina totalmente as causas do processo de deterioração já presentes nos materiais, mas diminui seu ritmo, mantendo o documento estabilizado. Segundo Cassares e Moi (2000, p. 25), estabilizar um material seria impedir o avanço no processo de deterioração do suporte e seus agregados por meio de procedimentos mínimos de intervenção.

De acordo com Spinelli (1997):

A conservação, enquanto matéria interdisciplinar, não pode simplesmente suspender um processo de degradação, já instalado. Pode, sim, utilizar-se de métodos técnico-científicos, numa perspectiva interdisciplinar, que reduzam o ritmo tanto quanto possível deste processo.

Silva (1998) corrobora com Cassares e Moi (2000) e acrescenta dizendo que “a conservação é um conjunto de procedimentos que tem por objetivo melhorar o estado físico do suporte, aumentar sua permanência e prolongar-lhe a vida útil, possibilitando, desta forma, o seu acesso por parte das gerações futuras.”

Até então a conservação foi direcionada aos aspectos físicos dos acervos, no entanto a terminologia que define a conservação proposta e aprovada no ano de 2008 pelos membros do Conselho Internacional de Museus – Comitê de Conservação (ICOM-CC) na 15.ª Reunião Trienal, ocorrida em Nova Dehli, direcionou o entendimento da conservação, o qual abrange a conservação preventiva, ação indireta aos bens culturais, a conservação curativa e a restauração, ações diretas ao bem cultural, conforme já citado.

Para Spinelli, Brandão e França (2011, p. 4) a conservação contempla aspectos administrativos, políticos e preventiva segundo os autores:

É um conjunto de medidas e estratégias administrativas, políticas e operacionais que contribuem direta ou indiretamente para a conservação da integridade dos acervos e dos prédios que os abrigam. São ações para adequar o meio ambiente, os modos de acondicionamento e de acesso, visando prevenir e retardar a degradação.

Silva (2004, p. 61) corrobora dizendo:

A conservação preventiva implica melhorias e controle do meio ambiente na área de guarda dos acervos, no acondicionamento, na armazenagem e no uso dos documentos com o objetivo de retardar o início do processo de degradação dos suportes. É uma intervenção indireta, preventiva, que considera a totalidade do acervo e dos agentes humanos (técnicos e usuários), sendo, pois, um tratamento realizado no e em função do conjunto do acervo.

A Fundação Biblioteca Nacional (2020, p. 19) define a conservação preventiva como um:

Conjunto de medidas e ações definidas de forma multidisciplinar, com o objetivo de evitar e minimizar a deterioração e a perda de valor dos bens culturais. Essas medidas são prioritariamente indiretas, não interferindo no material nem na estrutura dos objetos. Engloba ações de pesquisa, documentação, inspeção, monitoramento, gerenciamento ambiental, armazenamento, conservação programada e planos de contingência.

Sendo assim, a conservação é vista como uma disciplina híbrida voltada para a salvaguarda de um patrimônio cultural por meio da observação, análise da evolução,

deterioração e manutenção da cultura material, de modo a conduzir estudos que determinam a causa, efeito e solução dessas questões, possibilitando a ação preventiva e prevenção nos documentos com o objetivo de manter sua qualidade e integridade (MATERO, 2000 apud PINHEIRO; GRANATO, 2012, p. 33).

Outro aspecto da conservação foi apresentado pela FIOCRUZ (2020, p. 14), a conservação integrada que considera como:

[...] a participação da sociedade e demanda o acesso à informação completa, objetiva e suficiente para subsidiar a contribuição cidadã. Requer a promoção de métodos, técnicas e competências para o restauro e a conservação, e o investimento em pesquisa e formação de pessoal qualificado em todos os níveis numa perspectiva multidisciplinar.

Segundo o ICOM-CC (2008), a respeito das ações diretas ao bem cultural, a conservação abrange a conservação curativa, é considerada como:

[...] todas aquelas ações aplicadas de maneira direta sobre um bem ou um grupo de bens culturais que tenham como objetivo deter os processos danosos presentes ou reforçar a sua estrutura. Estas ações somente se realizam quando os bens se encontram em um estado de fragilidade adiantada ou estão se deteriorando a um ritmo elevado, de tal forma que poderiam perder-se em um tempo relativamente curto. Estas ações às vezes modificam o aspecto dos bens. (ABRACOR, 2010).

No que tange à conservação reparadora, “[...] trata-se de toda intervenção na estrutura dos materiais que compõem os documentos, visando melhorar o seu estado físico.” (SPINELLI; BRANDÃO; FRANÇA, 2011, p. 4).

O conceito de restauração é entendido como sendo “[...] um conjunto de medidas que objetivam a estabilização ou a reversão de danos físicos ou químicos adquiridos pelo documento ao longo do tempo e do uso, intervindo de modo a não comprometer sua integridade e seu caráter histórico.” (CASSARES; MOI, 2000, p. 12). Ademais, Spinelli, Brandão e França (2011, p. 4) complementam com a ideia de que a restauração é “considerada como um conjunto de ações técnicas de caráter intervencionista nos suportes dos documentos, a restauração se propõe a executar o trabalho de reversão de danos físicos ou químicos que tenham ocorrido nos documentos ao longo do tempo.”

Segundo a FIOCRUZ (2020, p. 12) a restauração é vista como:

[...] ações realizadas diretamente sobre um bem que perdeu parte de seu valor ou função, devido à deterioração e/ ou intervenções anteriores, com o objetivo de

possibilitar sua apreciação, uso e fruição. Devem ser realizadas em caráter excepcional, e se basear no respeito pelo material preexistente.

Para o ICOM-CC (2008), a terminologia da conservação abrange a restauração é considerada como:

[...] todas aquelas ações aplicadas de maneira direta a um bem individual e estável, que tenham como objetivo facilitar sua apreciação, compreensão e uso. Estas ações somente se realizam quando o bem perdeu uma parte de seu significado ou função através de alterações passadas. Baseia-se no respeito ao material original. Na maioria dos casos, estas ações modificam o aspecto do bem. (ABRACOR, 2010).

Já Pinheiro e Granato (2012, p. 33) acreditam que:

A restauração inclui-se como um procedimento extremo de conservação, quando o objeto possui importância tal que mereça todo o investimento necessário a uma abordagem conscienciosa. Por esta razão, determina interferência profunda no objeto, realizada após pesquisa detalhada, tanto técnica quanto histórica, do artefato a ser restaurado.

Sendo assim, pode-se pensar que a restauração constitui-se a partir da intervenção em diferentes obras que visam recuperar, o mais fiel possível, o estado original de seu suporte (SILVA, 1998).

Destarte, percebe-se a singularidade no cuidado que cada tipo de material necessita, pois já no seu processo de criação envolve diferentes elementos que, se não forem bem salvaguardados podem comprometer sua integridade, sendo a conservação de extrema importância nesta tarefa. Além do mais, na conservação, a participação e trabalho de diferentes profissionais em prol de um objetivo pode ser algo comum, uma vez que é uma atividade em que seu processo é considerado bastante delicado (VIÑAS, 2005, p. 9 apud VILAÇA JÚNIOR, 2021, p. 32).

Diante disso, a conservação abrange diversos processos que objetivam aperfeiçoar o estado físico do suporte, aumentando sua durabilidade de modo a permitir sua existência.

2.2.2 Diagnóstico de Conservação

O diagnóstico de conservação corresponde ao levantamento detalhado das condições de conservação de determinada instituição, seguida de uma análise de cada área

caracterizada. Seu principal objetivo é verificar as necessidades apresentadas, identificando e definindo as prioridades ligadas às situações problemáticas, de modo a estabelecer regimes apropriados de gestão e manutenção, levando à implementação de soluções técnicas sustentáveis e apropriadas para cada tipo de acervo. Desse modo, o diagnóstico visa caracterizar a vulnerabilidade das coleções e os riscos em que se encontram (SOUZA, 2000, p. 3).

De acordo com Gonçalves (2020, p. 389) o diagnóstico de conservação “[...] é fundamental para embasar ações de conservação preventiva das coleções abrigadas em instituições de salvaguarda e pesquisa de acervos, e constitui-se como uma etapa inicial fundamental para o planejamento estratégico na gestão das coleções.”, além disso, Zúñiga (2002) agrega dizendo que é necessário que se conheça profundamente o local onde se irá trabalhar para que se obtenha informações claras e precisas sobre os riscos que envolvem o acervo.

Entende-se que o diagnóstico de conservação:

[...] compreende uma análise integrada de aspectos que tangem não somente à materialidade da coleção e à infraestrutura envolvida na sua proteção, mas também às políticas e práticas organizacionais/institucionais e, transversalmente, a questões de segurança, que impactam nas condições de preservação dos acervos [...]. Ele deve considerar de maneira abrangente como estes aspectos se interrelacionam e possibilita o estabelecimento de diretrizes e prioridades na gestão da conservação das coleções, bem como a hierarquia ou peso que cada um deles assume em cada caso particular. Além disso, constitui uma ferramenta importante para auxiliar nas tomadas de decisão, indicando aspectos a serem considerados na captação de recursos, priorização de investimentos, melhorias e mudanças necessárias, atitudinais e físicas, levando em conta as particularidades de cada caso/instituição. Nem sempre as instituições dispõem de equipe, financiamento ou tempo para suprir todas as necessidades. Por essa razão o diagnóstico auxilia no planejamento nas distintas temporalidades — curto, médio e longo prazo. (GONÇALVES, 2020, p. 393-394).

Dessa forma, pode-se pensar que o diagnóstico de preservação apresenta a situação real do edifício e da coleção ali presente, de modo que serve como base para a criação de políticas de preservação das coleções pertencentes às unidades de informação (SOUZA, 2000, p. 4).

2.3 GERENCIAMENTO DE RISCOS

A biblioteca deve ser pensada como uma organização que é planejada e constantemente reavaliada (MACIEL, 1995, p. 2), fazendo uso de ferramentas e medidas de controle que visam sua preservação e segurança, algo essencial para seu funcionamento, já que sem medidas de segurança, nenhum local deve ser frequentado por colocar em risco a vida dos ocupantes. Além disso, a adesão de instrumentos de gestão e gerenciamento se faz presente, uma vez que toda unidade de informação passa por processos administrativos similares, planejamento, organização, direção e controle.

Portanto, o uso de tais instrumentos são cruciais para a realização de diagnóstico preciso do recorte temporal a ser avaliado, bem como a produção de dados quantitativos e qualitativos sobre a real situação da UI. Outrossim, é dever do gestor “[...] dominar técnicas administrativas, possuir capacidade analítica, de julgamento, decisão, liderança e enfrentar riscos e incertezas na busca por soluções.” (VIEIRA, 2014, p. 35).

Nesse sentido, percebe-se que o gerenciamento de risco é um plano de ação muito importante para toda e qualquer unidade de informação, pois ele auxilia na preservação das informações, de modo que tais fontes se mantenham a salvo de possíveis estragos, danos e perdas, que mesmo que mínimas, que comprometem seu acervo, impossibilitando sua recuperação. Desse modo, a gestão de risco não somente visa salvar bens materiais de valor estimável, mas também salvar vidas.

Infelizmente nem toda unidade de informação, e outras instituições organizacionais, dá a devida atenção para o tema em questão que visa muito mais do que impedir que certos desastres ocorram, mas que propõe um plano de ação caso tal evento aconteça, evitando ainda mais perdas, como por exemplo o treinamento de servidores em casos de emergência, seja contra incêndios, enchentes, infestações por pragas, roubos, etc. De acordo com Silva (2020, p. 435) acontecimentos como estes mencionados podem ocorrer, entretanto, o gerenciamento de riscos serve justamente para evitar tais casos:

[...] visando salvaguardar de um acontecimento desta magnitude, atuar em uma revisão hidráulica do local de guarda é uma ação que engloba uma proteção em diversos níveis. Ou seja, investir para não ter prejuízo no futuro. O que, dentro de uma realidade em que não trabalhamos exatamente com uma mensuração financeira, é relevante, pois não há preço para uma perda deste nível.

O agente da informação, além de possuir certas habilidades voltadas para a gestão de um ambiente informacional, também poderá elaborar medidas de prevenção contra

catástrofes, pois por mais que aparente ser impossível que algum evento ocorra não se deve deixar de tomar os devidos cuidados. O caso do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro serve como exemplo, pois no dia 9 de julho de 1978 houve um incêndio que destruiu 90% da coleção do museu. Vale ressaltar que seu edifício não possuía nenhum sistema de alarme e detecção ou de extinção automática, o que poderia ter evitado que tal perda acontecesse ou até mesmo diminuísse a quantidade de material perdido caso tivesse um sistema (ONO; MOREIRA, 2011, p. 12). Até os dias de hoje não se teve maiores esclarecimentos acerca do que de fato ocorreu.

A história da Biblioteca de Alexandria também ficou marcada por diversas catástrofes, entretanto, a mais trágica foi causada por um incêndio em 48. a.C (GONDAR; CABRAL, 2014, p. 3) que tomou grandes proporções na cidade de Alexandria que atingiu a biblioteca, destruindo grande parte seu edifício e acervo de valor inestimável, sendo considerada uma das maiores perdas da humanidade. Outro caso relatado é o da Biblioteca Jagger de obras africanas que também sofreu com um incêndio de origem florestal nas proximidades no dia 18 de abril de 2021, perdendo inúmeras obras inéditas insubstituíveis (MAHTANI, 2021, s/p).

Segundo Ono (2004) é importante que medidas que inibam a deterioração de livros e materiais sejam implementadas, preservando não somente o suporte físico, mas também seu conteúdo cultural de maneira que possa permitir seu acesso a gerações futuras, pois a perda de artefatos históricos gera um impacto emocional e econômico muito grande para a comunidade atingida.

Mediante aos fatos expostos, observa-se a necessidade de compreender a gestão de risco de modo mais abrangente e, posteriormente, sua aplicação em unidades de informação correlacionado com o campo da conservação e preservação de acervos, considerados “[...] fontes de riquezas atuais.” (VIEIRA, 2014, p. 231).

2.3.1 Conceituação do Gerenciamento de Risco

Quando se discute sobre gerenciamento de risco, normalmente há um foco maior na palavra “risco”, entretanto, também é preciso saber e compreender o conceito de “gerenciamento” para que por fim se fale sobre o conceito de “gerenciamento de riscos”, que possuem as seguintes definições:

- a) **Risco:** segundo a ABNT NBR ISO 31000:2009, é efeito da incerteza sobre objetivos, sendo a incerteza a falta de informações ligadas a um acontecimento, ou seja, é um efeito da incerteza, um desvio em relação aos objetivos e curso esperado pelos gestores. (ABNT, 2009).
- b) **Gerenciamento:** se relaciona com as palavras organizar, planejar e controlar e apesar de serem parecidas, não possuem a mesma definição e complexidade. O ato de gerenciar é visto como uma ação que se combina com várias outras em prol de um objetivo (SILVA, 2020).
- c) **Gerenciamento de riscos:** é o ato de planejar, dirigir, controlar e organizar os recursos humanos e materiais de uma determinada instituição com o intuito de diminuir e averiguar os riscos acerca dessa organização, minimizando ou anulando as chances de que tais riscos venham a tona, evitando seus impactos negativos (ARQUIVO NACIONAL, 2019, p. 6). Sendo assim, sua função é reduzir perdas e minimizar seus efeitos (NAVARRO, 1999).

Os autores Hollós e Pedersoli Júnior (2009, p. 73) complementam:

Os riscos resultantes da composição material dos acervos e do ambiente em que estão inseridos, de seu uso e manuseio, e de seu valor econômico, religioso, político, histórico etc. podem ser identificados, analisados e tratados por meio do uso da metodologia de gerenciamento de riscos. Esta metodologia oferece resultados científica e estatisticamente embasados que contribuem para que conservadores, gestores, cientistas, administradores, em um ambiente interdisciplinar, definam as escolhas e prioridades na tomada de decisão inerente ao processo de gerenciamento de um programa de preservação.

É importante destacar que o conceito de risco e suas diferentes abordagens evidenciam que a doutrina não é uníssona quanto sua definição dado que a acepção do termo, a incerteza, pode incluir implicitamente uma oportunidade positiva, como nos revela o próprio campo da Inteligência Competitiva, ou seja, vê-se que o termo não se refere exclusivamente a incertezas com consequências negativas.

Nesse sentido, Spinelli e Pedersoli Júnior (2010, p. 25) definem o risco como “[...] a chance de algo acontecer causando um impacto sobre objetivos [...]” e acrescentam que “[...] os riscos podem ser identificados, analisados, priorizados e devidamente controlados. Tal

processo, conhecido como gerenciamento de riscos, constitui a base conceitual segundo a qual o presente plano se encontra estruturado.”

Quanto a origem do gerenciamento de riscos, Navarro (1999) explica:

A Gerência de Riscos surgiu como técnica nos Estados Unidos, no ano de 1963, com a publicação do livro *Risk Management in the Business Enterprise*, de Robert Mehr e Bob Hedges. Seguramente uma das fontes de consulta ou de inspiração dos autores foi um trabalho de Henry Fayol, divulgado na França em 1916. A origem da Gerência de Riscos é a mesma da Administração de Empresas, a qual, por sua vez, conduziu os processos de Qualidade e de Produtividade. Por ser uma técnica relativamente nova, sua divulgação e adaptação pelos países variou de acordo com as necessidades de momento, das experiências dos técnicos que a difundiram, da fase de desenvolvimento pela qual estava passando o país e outros motivos mais. No Brasil o seu ingresso deu-se na segunda metade da década de 1970, com aplicação voltada especificamente para a área de seguros, com vistas à prevenção de riscos em bens patrimoniais, segurados pelas empresas do setor.

No que diz respeito ao campo de normas técnicas, pode-se pensar que a primeira metodologia de gerenciamento normalizada foi a AS/NZS 4360 (Risk Risk Management, Australian/New Zealand Standard AS/NZ 4360:2004), fruto do esforço em conjunto das entidades padronizadoras da Austrália e Nova Zelândia. Já no Brasil, cita-se, primeiramente a ABNT ISO/EC Guia 73, de 2005, bem como a Norma Técnica ISO 31000 (Risk Management - Principles and guidelines) publicada no Brasil em 2009, pela ABNT, sendo a versão mais recente e atualizada a de 2018.

Isso posto, fica esclarecido que a preocupação com os riscos numa organização não pode ser episódica, deve ser algo cíclico e contínuo, englobando toda organização visto que ela está permanentemente exposta a riscos. Sendo assim, o gerenciamento de risco é um processo de natureza permanente, estabelecido e direcionado, aplicável a qualquer área que visa, identificar, analisar, avaliar, decidir respostas, planejar, executar, monitorar e comunicar os riscos - sendo esses conceitos imprescindíveis para uma melhor absorção, entendimento e reflexão sobre sua necessidade de existência dentro de uma UI.

Ademais, não somente cabe ao bibliotecário desenvolver interesse sobre o tema em questão, mas também a instituição em que atua, afinal, é ela quem irá disponibilizar recursos e permitir melhoras em seu ambiente para certas instalações sejam realizadas, ou seja, ambos em conjunto devem definir o que será prioridade de acordo com a necessidade da UI. É a partir dessa união que a necessidade de implantação de um processo de gestão contínuo se faz presente, estabelecendo, a partir de análises, a prioridade naquele momento.

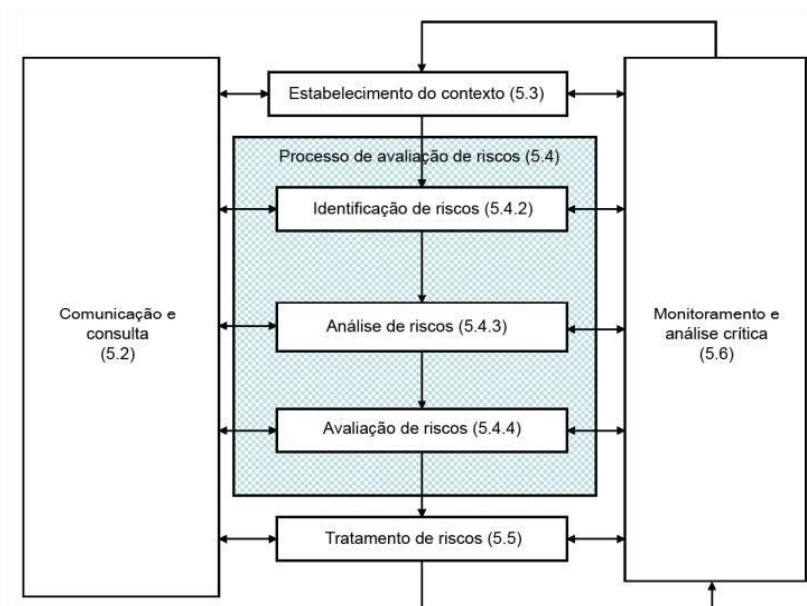
Nota-se, assim, que a gestão de risco é não somente uma ação elaborada pelo profissional da informação, mas também da organização que além de identificar, analisar e determinar as prioridades baseado nos riscos suscetíveis a uma unidade de informação, também ajuda na tomada de decisão e na maximização e eficácia da resposta, na ocorrência de um desastre. As etapas de seu processo interativo e integrado precisam ser feitas em sequência para que a melhor decisão no que diz respeito ao alcance de objetivos, além do mais, o plano de gerenciamento deve ser adaptado de acordo com a área específica que utilizará tal ferramenta, que neste estudo é voltado para a área de Biblioteconomia.

2.3.2 Fatores de risco inerentes à biblioteca

As bibliotecas, enquanto guardiãs de acervos altamente valiosos e essenciais para disseminação do conhecimento, devem ter maior preocupação com a conservação e preservação destes materiais, adotando o gerenciamento de riscos como uma importante ferramenta que possibilitará o alcance desta meta.

A norma ABNT NBR ISO 31000:2009 apresenta o processo de avaliação de riscos, que serão aprofundados mais adiante, que basicamente baseia-se na identificação, análise e avaliação com o objetivo de antecipar-se a eles, demandando a adoção de medidas conscientes que mantenham ou reduzam a probabilidade ou o impacto dos eventos nos objetivos. Ademais, a norma ainda evidencia, por meio de um gráfico, os principais elementos do gerenciamento de risco e suas funções.

Figura 1 - Processo de gestão de riscos



Fonte: ABNT (2009).

Diante desse processo apresentado na Figura 1, Hollós e Pedersoli Júnior (2009, p. 77) explicam as cinco etapas sequenciais e as duas contínuas particularmente:

Estabelecer o contexto em que os riscos serão gerenciados (explicitar os objetivos da organização, definir o horizonte de tempo do processo, as partes e atores internos e externos à organização a serem envolvidos, os ambientes internos e externos em que o processo ocorrerá, os critérios para avaliação de riscos); **identificar os riscos** de forma sistemática e abrangente; **analisar os riscos** para quantificar sua magnitude (ou seja, sua probabilidade de ocorrência e o impacto esperado); **avaliar os riscos** para decidir quais deles serão tratados e com que prioridade (comparando suas magnitudes e incertezas entre si e com critérios previamente estabelecidos, identificando causas e aspectos em comum e considerando-os detalhadamente dentro de seu contexto); **tratar os riscos** identificados como prioridade para reduzi-los a níveis aceitáveis, segundo planejamento desenvolvido para tal e baseado no estudo sistemático e seleção de opções de tratamento (em termos de benefício-custo, redução simultânea de riscos múltiplos etc.). (HOLLÓS; PEDERSOLI JÚNIOR, 2009, p. 77).

Ademais, no que tange as últimas duas “[...] etapas contínuas e necessárias ao sucesso do gerenciamento de riscos são a consulta e comunicação com todos os atores e as partes interessadas e o monitoramento e revisão do processo.” (HOLLÓS; PEDERSOLI JÚNIOR, 2009, p. 78). Portanto, explicam-se tais etapas contínuas, essenciais ao sucesso do gerenciamento de riscos, como:

- 1) “**Consulta e comunicação** com todos os atores e as partes interessadas”. (HOLLÓS; PEDERSOLI JÚNIOR, 2009, p. 78). Deve ocorrer no início e ao final do processo de gestão de riscos, principalmente na fase de tratamento de riscos;
- 2) **Monitoramento e revisão** do processo de gerenciamento. Todas as fases anteriores devem ser constantemente monitoradas e revisadas para o aprimoramento do plano de gerenciamento de risco.

Dessa forma, para que um plano de riscos seja bem estruturado e eficaz ao contexto em que se adequa, é importante que haja comunicação entre as partes envolvidas, incluindo um diálogo entre os ambientes internos e externos da UI, a fim de se obter maior interação entre o corpo de colaboradores da UI.

Além disso, é de extrema importância ter conhecimento a respeito da natureza dos materiais que compõem o acervo da UI, buscando então a adoção de medidas que atuem preventivamente, como armazenamento adequado e higienização do ambiente de maneira correta, visto que ter um profissional especializado da área para desenvolver atividades de conservação e preservação do acervo é algo inviável para muitas unidades de informação. Tornando-se então necessário que todos os profissionais da informação tenham noções básicas de conservação, posto que os suportes sofrem uma deterioração natural ao longo do tempo.

Por esse motivo, deve haver um quadro lógico na gestão de riscos, que vise se antecipar a imprevistos e agentes de deterioração, e necessita de noção por parte dos colaboradores do contexto externo, seja aqueles que interagem com a coleção, bem como aspectos climáticos da região, e também o fator interno relacionado ao dia a dia da instituição e seus funcionários, suas políticas. Importante ressaltar, que uma gestão de riscos atua no sentido de resguardar os objetivos e a missão da UI.

2.3.3 Agentes de risco

As bibliotecas, enquanto guardiãs de acervos altamente valiosos e essenciais para disseminação do conhecimento, devem ter maior preocupação com a conservação e preservação destes materiais, adotando políticas de preservação que possibilitará o alcance desta meta. Desse modo, a identificação de riscos é algo que já vem sendo trabalhado pela conservação preventiva, tratando-se de um processo de busca, reconhecimento e descrição

de riscos, que pode se aferir por meio das seguintes perguntas: O que pode acontecer? Quando? Onde? Como? Por quê?

Nesse sentido, Cassares e Moi (2000, p.13) consideram os “[...] agentes de deterioração dos acervos de bibliotecas e arquivos aqueles que levam os documentos a um estado de instabilidade física ou química, com comprometimento de sua integridade e existência.”, além disso, ambas complementam que:

Antes de citar os principais fatores de degradação, torna-se indispensável dizer que existe estreita ligação entre eles, o que faz com que o processo de deterioração tome proporções devastadoras. Para facilitar a compreensão dos efeitos nocivos nos acervos podemos classificar os agentes de deterioração em Fatores Ambientais, Fatores Biológicos, Intervenções Impróprias, Agentes Biológicos, Furtos e Vandalismo. (CASSARES; MOI, 2000, p. 14)

Diante disso, as unidades de informação, em especial as bibliotecas, possuem diversos fatores que podem comprometer os suportes que elas abrigam, acelerando sua deterioração. Tais fatores são chamados de agentes de deterioração e são classificados em quatro agrupamentos: agentes físicos, agentes físico-mecânicos, agentes químicos e agentes biológicos. O tópico a seguir visa aprofundar-se ainda mais acerca de tais agentes.

2.3.3.1 Principais agentes de risco

O guia publicado pelo *International Centre for the Study of the Preservation and Restoration of Cultural Property* (ICCRROM) - traduzido do português como Centro Internacional de Estudos para a Conservação e Restauro de Bens Culturais - trata dos 10 agentes de degradação de acordo com as fontes mais comuns que propiciam seu aparecimento e seu estrago em bens culturais.

- a) **Forças físicas:** ocasionados por manuseio, armazenamento, montagem e transportes inadequados, além de colisões acidentais, tráfego de veículos, ventanias, terremotos, deslizamentos de terra, dentre outros. Causando deformações, rupturas, perfurações, rasgos, abrasões, perda de partes, estilhaçamento, dentre outros. (PEDERSOLI JÚNIOR; ANTOMARCHI; MICHALSKI, 2017, p. 30).
- b) **Atos criminosos:** ocasionados por necessidades financeiras, ideológicas, religiosas

ou, até mesmo, psicopatológicas. causando desaparecimento, destruição, desfiguração de bens culturais. (PEDERSOLI JÚNIOR; ANTOMARCHI; MICHALSKI, 2017, p. 32).

- c) **Fogo:** ocasionados por relâmpagos, incêndios florestais, vazamentos de gás, falhas em instalações ou equipamentos elétricos, negligência no tocante ao consumo de cigarro, uso de velas, balões juninos e fogos de artifício, obras de reforma ou manutenção no edifício utilizando chama exposta ou fontes de calor (maçaricos, soldas, balões juninos e fogos de artifício, obras de reforma ou manutenção no edifício utilizando chama exposta ou fontes de calor, incêndio criminoso, dentre outros. Dentre seus efeitos estão: combustão total ou parcial, deformações e colapso pela ação do calor, deposição de fuligem, dentre outros. (PEDERSOLI JÚNIOR; ANTOMARCHI; MICHALSKI, 2017, p. 34).
- d) **Água:** ocasionados por tsunamis, enchentes, chuvas, lençol freático, tubulações do sistema hidráulico do edifício, procedimentos de limpeza, ações de combate a incêndios, dentre outros. Acabam deixando manchas, fragilização, deformações, dissolução e migração de materiais hidrossolúveis, corrosão, mofo, dentre outros. (PEDERSOLI JÚNIOR; ANTOMARCHI; MICHALSKI, 2017, p. 36).
- e) **Pragas:** ocasionados pela fauna local. Fontes de nutrientes e materiais adequados à nidificação ou postura de ovos de pragas nocivas funcionam como atratores. Causam manchas, perfurações, fragilização, perda de partes, dentre outros. (PEDERSOLI JÚNIOR; ANTOMARCHI; MICHALSKI, 2017, p. 38).
- f) **Poluentes:** ocasionados pelas indústrias, veículos, obras de reforma ou construção civil, visitantes, materiais de armazenamento ou exposição inadequados que emitem gases nocivos, introdução de materiais incompatíveis devido a intervenções inadequadas de conservação-restauração, dentre outros. Causam alterações estéticas, fragilização, corrosão, dentre outros. (PEDERSOLI JÚNIOR; ANTOMARCHI; MICHALSKI, 2017, p. 40).
- g) **Luz e radiação ultravioleta (UV):** ocasionado por sol e lâmpadas elétricas. Causando esmaecimento de cores, amarelecimento, fragilização e desintegração. (PEDERSOLI JÚNIOR; ANTOMARCHI; MICHALSKI, 2017, p. 42).
- h) **Temperatura inadequada:** ocasionadas pelo clima local, radiação solar, lâmpadas incandescentes, equipamentos (aquecedores, climatizadores de ar indevidamente

utilizados), dentre outros. Permitindo a aceleração da degradação química dos materiais, deformações, ressecamento, fragilização, dentre outros. (PEDERSOLI JÚNIOR; ANATOMARCHI; MICHALSKI, 2017, p. 44).

- i) **Umidade relativa inadequada:** ocasionadas pelo clima local, lençol freático, uso inadequado ou falhas em equipamentos de ar condicionado, microclimas devido à falta de ventilação/circulação do ar, embalagens inadequadas, dentre outros. Geram deformações, fraturas, craquelês, delaminação, ressecamento, fragilização, corrosão, mofo, migração de materiais hidrossolúveis, eflorescência de sais, manchas, dentre outros. (PEDERSOLI JÚNIOR; ANATOMARCHI; MICHALSKI, 2017, p. 46).
- j) **Dissociação:** ocasionado devido ao inventário inexistente ou incompleto, identificação indevida ou insuficiente de objetos do acervo, obsolescência de hardware ou software utilizados para armazenar e acessar dados e informações sobre o acervo, condições inadequadas de armazenamento do acervo, aposentadoria ou afastamento de funcionários detentores de conhecimento exclusivo sobre o acervo, dentre outros. Causam o extravio de objetos, perda de informação sobre o acervo, comprometimento do acesso intelectual do público ao acervo, dentre outros. (PEDERSOLI JÚNIOR; ANATOMARCHI; MICHALSKI, 2017, p. 48).

O Plano de Gerenciamento de Riscos da Biblioteca Nacional (SPINELLI; PEDERSOLI JÚNIOR, 2010) também utiliza uma ferramenta conceitual acerca dos dez agentes de deterioração que estão representados no Quadro 1 a seguir.

Quadro 1 - Riscos genéricos provocados pelos agentes de deterioração

RISCOS	DESCRIÇÃO
Forças físicas	“Danos e perda de valor de itens do acervo por armazenamento, manuseio, transporte inadequado e emergência envolvendo o colapso localizado, parcial ou total do edifício, afetando o acervo e outros elementos patrimoniais.” (SPINELLI; PEDERSOLI JÚNIOR, 2010, p. 42-45).
Atos criminosos	“Furto e roubo de itens do acervo ou de outros bens patrimoniais e atos de vandalismo.” (SPINELLI; PEDERSOLI JÚNIOR, 2010, p. 50).
Fogo	“Incêndio no prédio sede afetando o acervo e outros elementos patrimoniais.” (SPINELLI; PEDERSOLI JÚNIOR, 2010, p. 58).
Água	“Danos e perda de valor de itens do acervo ou de outros elementos patrimoniais causados por ação de água.” (SPINELLI; PEDERSOLI JÚNIOR, 2010, p. 65).

Pragas	“Danos e perda de valor de itens do acervo ou de outros elementos patrimoniais por ação de pragas.” (SPINELLI; PEDERSOLI JÚNIOR, 2010, p. 75).
Poluentes	“Danos e perda de valor de itens do acervo ou de outros elementos patrimoniais por ação de poluentes.” (SPINELLI; PEDERSOLI JÚNIOR, 2010, p. 81).
Luz e Radiação (UV e IR)	“Danos e perda de valor de itens do acervo ou de outros elementos patrimoniais por ação de luz e radiação UV e IR.” (SPINELLI; PEDERSOLI JÚNIOR, 2010, p. 86).
Temperatura e Umidade Relativa incorreta	“Umidade relativa incorreta, danos e perda de valor de itens do acervo ou de outros elementos patrimoniais devido a temperatura e umidade relativa incorretas.” (SPINELLI; PEDERSOLI JÚNIOR, 2010, p. 89).
Dissociação	“Dissociação de objetos ou perda de informação.” (SPINELLI; PEDERSOLI JÚNIOR, 2010, p. 94).

Fonte: Adaptado de Spinelli e Pedersoli Júnior (2010).

Os agentes de degradação apresentados devem ser levados em consideração ao avaliar os riscos presentes nas instituições em que se pretende trabalhar, facilitando, assim, o processo de análise, tomadas de decisão e classificação de prioridades para determinada ação ou bem material. Silva (2020), complementa:

O gerenciamento de riscos de bens culturais permite uma visão bastante ampla dos perigos aos quais estamos sujeitos na rotina junto ao acervo, trazendo reflexão não somente a eventos de grande magnitude, chamados de catastróficos, mas também nos eventos que são cumulativos, degradando dia a dia as peças ou os suportes.

Portanto, avaliar os riscos permite ter uma visão mais ampla dos reais riscos de modo a comparar o potencial entre os níveis de risco e estabelecer prioridades por meio de escalas numéricas, possibilitando a implementação de medidas voltadas para a proteção do acervo.

2.3.4 Tipos de ocorrência dos riscos

Os bibliotecários, ao realizarem o planejamento para a adoção de medidas de salvaguarda do acervo e dos usuários da instituição, têm o frequente desafio de fazer escolhas e eleger prioridades para o uso dos recursos disponíveis, tendo que, constantemente, optar entre investir em segurança ou na manutenção do edifício, das obras, ou no combate e controle de pragas ou na prevenção de incêndios, etc.

Desse modo, para que haja um embasamento em tais escolhas é preciso a implementação de classificação de frequência de ocorrência dos riscos dentro do processo de gestão contínuo, presente no plano gerenciamento de riscos, de maneira que não somente os profissionais bibliotecários, mas toda a instituição para dar o devido apoio e assistência à biblioteca com base na sua situação.

A complexidade na classificação dos riscos implica diretamente nas tomadas de decisões ligadas a prioridades na utilização dos recursos, tanto financeiro quanto humanos, pois ao determinar o nível de risco, as prioridades da unidade de informação são elencadas de acordo com a sua urgência. Pensando nisso, a seguir são apresentadas as classificações, conforme a frequência de ocorrência, demonstradas por Antomarchi, Pedersoli Júnior e Michalski (2017, p. 55):

Quadro 2 - Classificação da frequência de ocorrência dos riscos

FREQUÊNCIA DE OCORRÊNCIA DOS RISCOS	
Eventos raros	“Eventos considerados “raros” ocorrem menos frequentemente que uma vez a cada 100 anos. Consequentemente, tais eventos não fazem parte da experiência direta da maioria das pessoas que trabalham no museu. Do ponto de vista do patrimônio museológico total de um país, tais eventos podem ocorrer a cada poucos anos. Já sob a perspectiva da população mundial de museus, estes eventos podem chegar a ser rotineiros.” (PEDERSOLI JÚNIOR; ANATOMARCHI; MICHALSKI, 2023, p. 55).
Eventos comuns	“Eventos “comuns” ocorrem mais de uma vez ou várias vezes por século. Estes são os eventos que fazem parte da experiência direta e da memória das pessoas que trabalham no museu.” (PEDERSOLI JÚNIOR; ANATOMARCHI; MICHALSKI, 2023, p. 55).
Processos cumulativos	“Processos cumulativos podem ocorrer de forma contínua ou intermitente. Ao longo dos anos, a maioria das pessoas que trabalha no museu terá observado o efeito cumulativo de um ou mais destes processos em objetos do acervo, ou seja, terá visto tais objetos “envelhecer”. Eventos muito frequentes (que ocorrem, por exemplo, mais de uma vez ao ano) também podem ser tratados como processos cumulativos para fins de análise dos riscos.” (PEDERSOLI JÚNIOR; ANATOMARCHI; MICHALSKI, 2023, p. 55).

Fonte: Pedersoli Júnior, Antomarchi e Michalski (2023, p. 55).

Classificação análoga utiliza-se as pesquisadoras Padamo, Nunes e Macedo (2018, p. 72) para agrupar os agentes de deterioração segundo sua frequência, apresentada a seguir.

Quadro 3 - Classificação de frequência dos agentes de deterioração

FREQUÊNCIA DOS AGENTES DE DETERIOÇÃO

Tipo 1	“Agentes de deterioração que atuam raramente, podendo mesmo nunca ocorrer, mas que têm efeitos catastróficos e para os quais se pode atuar de forma preventiva, criando apenas as condições para minimizar os seus danos – é o caso dos terremotos, grandes incêndios, inundações, roubos profissionais, contaminação por poluentes e abandono.” (WALLER, 2003 apud PADAMO; NUNES; MACEDO, 2018, p. 72).
Tipo 2	“Com ocorrências ocasionais, mas que provocam danos significativos.” (WALLER, 2003 apud PADAMO; NUNES; MACEDO, 2018, p. 72).
Tipo 3	“Processos contínuos com efeitos suaves mas cumulativos, que podem ser minimizados ou mesmo erradicados, vigiando e controlando as condições do espaço – é o caso do tipo de acondicionamento, controle de peste e contaminantes, ação da luz, HR incorreta e T incorreta.” (WALLER, 2003 apud PADAMO; NUNES; MACEDO, 2018, p. 72).

Fonte: Padamo, Nunes e Macedo (2018, p. 72).

2.3.5 Atributos de valoração

No gerenciamento de riscos, conhecer tudo aquilo que a instituição possui e visa proteger é de extrema importância para que se aplique métodos de valoração para cada item do acervo. Tal valoração varia de acordo com a realidade e especificidade de cada instituição, assim como seus objetivos e missão. O Arquivo Nacional (2019) adotou os seguintes aspectos para definir a valoração de seus bens:

Quadro 4 - Valoração de bens materiais

ATRIBUTO	DEFINIÇÃO	PESO
Valor histórico/científico (VH/C)	“O componente do acervo está diretamente associado e contribui de forma essencial e significativa para a produção científica no campo da história e das demais áreas do conhecimento.” (ARQUIVO NACIONAL, 2019, p. 13).	40
Valor probatório/legal (VP/L)	“O componente do acervo é essencial para garantir direitos do cidadão resguardados por lei.” (ARQUIVO NACIONAL, 2019, p. 13).	40
Proveniência/procedência (P/P)	“O componente do acervo provém de entidade ou pessoa de especial relevância social, histórica, política, cultural, econômica ou de outra natureza para a nação.” (ARQUIVO NACIONAL, 2019, p. 13).	15
Raridade/singularidade (R/S)	“O componente do acervo contém itens raros em termos de sua tipologia, materiais constituintes, processo de produção, período e/ou estilo.” (ARQUIVO NACIONAL, 2019, p. 13).	25
Valor artístico/estético (VA/E)	“O componente do acervo possui elevada qualidade artística e/ou estética, contendo itens representativos de artistas, estilos e/ou movimentos artísticos reconhecidos.” (ARQUIVO NACIONAL, 2019, p. 13).	20
Valor político/administrativo	“O componente do acervo atende a interesses de políticas públicas e do governo federal e contribui de forma essencial para apoiar decisões	40

(VP/A)	governamentais de caráter político-administrativo.” (ARQUIVO NACIONAL, 2019, p. 13).	
Memória/identidade (VM/I)	“O componente do acervo é representativo e contribui para a preservação da memória e da identidade de grupos sociais, agremiações políticas, entidades de classe, movimentos culturais e outras instâncias comunitárias.” (ARQUIVO NACIONAL, 2019, p. 13).	25
Valor econômico (VE)	“O componente do acervo possui valor de mercado significativo.” (ARQUIVO NACIONAL, 2019, p. 13).	10
Acesso (VA)	“O componente do acervo está pronto e amplamente disponível para consulta.” (ARQUIVO NACIONAL, 2019, p. 13).	40
Frequência de uso (VF)	“O componente do acervo que é muito consultado.” (ARQUIVO NACIONAL, 2019, p. 13).	40

Fonte: Arquivo Nacional (2019, p. 13).

Já Spinelli Júnior e Pedersoli Júnior (2010, p. 99), consideraram os seguintes aspectos para o reconhecimento de bens culturais que compõem o acervo da Biblioteca Nacional, segundo sua prioridade: “Valor econômico ou raridade do documento; Ser insubstituível; Valor especial para o cumprimento da missão ou objetivos da instituição; Valor científico; Importância para o país, cidade ou região; e Documentos com o selo Memória do Mundo.” (SPINELLI JÚNIOR; PEDERSOLI JÚNIOR, 2010, p. 99).

2.3.6 Magnitude de riscos

Através da valoração realizada no acervo, é possível continuar a quantificação da magnitude dos riscos, também conhecida como índice MR. Segundo Hollós e Pedersoli Júnior (2009, p. 78):

A análise ou quantificação da magnitude dos riscos é feita a partir da quantificação da frequência ou velocidade em que se espera que o dano ocorra, juntamente com a perda de valor para o acervo decorrente da extensão do dano causado e da fração afetada. Uma vez determinadas as magnitudes dos riscos para o acervo é possível compará-los e, juntamente com critérios complementares, estabelecer prioridades para seu tratamento e mitigação.

Dessa forma, é necessário uma ferramenta capaz de estabelecer uma escala de prioridades de ações que mitiguem os riscos identificados para que o objetivo de um plano de gerenciamento de riscos seja alcançado (SILVA, 2020). A Escala ABC é uma ferramenta

criada por Stefan Michalsky, conservador do Instituto Canadense de Conservação, que é capaz de quantificar a frequência de ocorrência de riscos e a perda de valor estimada para cada risco identificado. Por meio desse instrumento é viável que a magnitude de riscos seja determinada através do somatório dos valores de risco atribuídos para cada uma das três escalas denominadas A, B e C:

Quadro 5 - Equação para determinar a magnitude de riscos

EQUAÇÃO	
$MR = A + B + C$	
DESCRIÇÃO	Escala A: Seria a frequência ou taxa de tempo de intervalo entre um acontecimento e outro, em anos (Com qual frequência o risco ocorre?).
	Escala B: Seria a perda de valor de cada elemento afetado (Qual a perda de valor do item afetado?).
	Escala C: Seria o valor que representa o quanto foi afetado o acervo (Que fração do valor total do acervo será afetada?).

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

A partir da Escala ABC, é permitido realizar uma classificação numérica com a finalidade de criar-se uma tabela de magnitude de riscos, apresentando de forma clara o grau da problemática existente aos gestores. O autor, Silva (2020, p. 443), complementa:

A tabela de MR, apesar de complexa, permite uma classificação numérica, o que torna a apresentação dos graus de problemática mais visível aos gestores. A interação entre a área técnica e a área burocrática deve estar em consonância, por isso a relevância desta aproximação e adaptação dos riscos a uma linguagem mais palatável.

Desse modo, o Arquivo Nacional também possui uma tabela própria baseada nesse critério representada no quadro a seguir.

Quadro 6 - Tabela de classificação de riscos do Arquivo Nacional

Grau de prioridade de risco	MR	Perda de valor esperada no acervo cultural
13,5 - 15 <i>Prioridade catastrófica</i>	15	100% em 1 ano
	14,5	30% ao ano

Todo ou quase todo o acervo cultural se perderá em uns poucos anos.	14	10% ao ano = 100% em 10 anos
	13,5	3% ao ano = 30% a cada 10 anos
11,5 - 13 Prioridade extrema Dano significativo em todo o acervo cultural ou a perda total de uma fração significativa do mesmo em aproximadamente uma década. Ou, equivalentemente, a perda total ou uma perda grande do acervo em aproximadamente um século.	13	10% a cada 10 anos = 100% em 100 anos
	12,5	3% a cada 10 anos = 30% a cada 100 anos
	12	1% a cada 10 anos = 10% a cada 100 anos
	11,5	0,3% a cada 10 anos = 3% a cada 100 anos
9,5 - 11 Prioridade alta Perda de valor significativa em uma fração pequena do acervo cultural ou uma perda de valor pequena na maior parte do acervo em aproximadamente um século.	11	1% a cada 100 anos
	10,5	0,3% a cada 100 anos
	10	0,1% a cada 100 anos
	9,5	0,03% a cada 100 anos
7,5 - 9 Prioridade média Dano pequeno ou uma perda de valor similar em muitos séculos. Ou, equivalentemente, uma perda de valor significativa na maior parte do acervo no transcurso de vários milênios.	9	0,1% a cada 1.000 anos = 1% a cada 10.000 anos
	8,5	
	8	0,01% a cada 1.000 anos = 0,1% a cada 10.000 anos
	7,5	
7 e inferior Prioridade baixa Dano mínimo ou insignificante numa fração mínima do acervo cultural em vários milênios.	7	0,001% a cada 1.000 anos = 0,01% a cada 10.000 anos
	6,5	
	6	0,0001% a cada 1.000 anos = 0,001% a cada 10.000 anos
	5,5	
	5	0,00001% a cada 1.000 anos = 0,0001% a cada 10.000 anos

Fonte: Arquivo Nacional (2019, p. 21).

2.3.7 Tratamento de riscos, monitoramento e revisão

A princípio, o tratamento de riscos visa selecionar e implementar ações com o intuito

de evitar ou minimizar o risco. Desse modo, pode-se pensar que ele “[...] envolve a seleção de uma ou mais opções para modificar o nível de cada risco e a elaboração de planos de tratamento que, uma vez implementados, implicará em novos controles ou modificação dos existentes. Um dos benefícios da gestão de riscos é o rigor que proporciona ao processo de identificação e seleção de alternativas de respostas aos riscos.” (ABNT, 2009; COSO, 2006 apud BRASIL, 2018).

O ICCROM (PEDERSOLI JÚNIOR; ANATOMARCHI; MICHALSKI, 2017, p. 105) apresenta um instrumento voltado para o estabelecimento de medidas e ações reativas e preventivas de tratamento que devem ser tomadas durante cinco situações com o intuito de obter um controle maior com relação aos riscos. Ademais, o plano de gerenciamento de riscos da Biblioteca Nacional também adota essas medidas que estão representadas no quadro a seguir.

Quadro 7 - Estágios de controle de riscos

ESTÁGIO	AÇÕES
Evitar	Evita-se todo e qualquer tipo de risco que possa ocorrer e agravar aqueles que já são existentes.
Bloquear	Bloqueia-se qualquer tipo de agente de degradação e sua fonte. Entretanto, na impossibilidade de bloquear, tomam-se medidas que barrem a progressão da ação destes agentes.
Detectar	Detecta-se a atuação dos agentes de degradação, seu tipo e seus impactos no acervo. O monitoramento é extremamente relevante nessa etapa para que se tomem ações rápidas de prevenção e tratamento, porém, nem sempre a detecção deverá agir sozinha, mas sim acompanhada para que se obtenha melhores resultados.
Responder	Responde-se à existência e aos agravantes acometidos pelos agentes de degradação com planos de ação rápidos e eficazes contra tais agentes. Normalmente essa ação age juntamente com a de detecção.
Recuperar	Recupera-se das perdas e danos acometidos no acervo. Diante de uma possível falha por parte das ações anteriores, o mais indicado é tentar recuperar o que foi perdido.

Fonte: Adaptado de Pedersoli Júnior, Antomarchi e Michalski (2017, p. 105).

Ressalte-se, por oportuno, que, a fim de assegurar que a gestão de riscos seja eficaz e contribua para o desempenho organizacional, a ABNT NBR ISO 31000:2009 recomenda que as organizações monitorem e analisem criticamente a estrutura estabelecida. Para tanto, orientam-nas a: medir o desempenho da gestão de riscos utilizando indicadores, os quais

devem ser analisados criticamente de forma periódica para garantir sua adequação; medir periodicamente o progresso obtido ou o desvio em relação ao plano de gestão de riscos; analisar criticamente e de forma periódica se a política, o plano e a estrutura da gestão de riscos ainda são apropriados, dado o contexto externo e interno das organizações; reportar sobre os riscos, sobre o progresso do plano de gestão de riscos e como a política de gestão de riscos está sendo seguida, e analisar criticamente a eficácia da estrutura da gestão de riscos.

3 DIAGNÓSTICO DE CONSERVAÇÃO DO ESPAÇO ANÍSIO TEIXEIRA

Mediante a coleta dos dados realizados durante o período de maio até junho de 2023, realizou-se a elaboração do diagnóstico de conservação que descreve o levantamento das informações obtidas e objetiva avaliar as necessidades do Espaço Anísio Teixeira, além de identificar e definir prioridades a fim de verificar problemas e vulnerabilidades, conhecer os riscos e ameaças existentes e propor soluções técnicas sustentáveis. É importante frisar que o diagnóstico não possui um padrão único ou universal que precisa ser seguido, na verdade, ele varia de acordo com as necessidades de cada instituição, seu foco e tamanho que é estabelecido pelo pesquisador.

3.1 QUADRO DIAGNÓSTICO

O diagnóstico de conservação deve abranger o entorno da edificação, a edificação, as salas, o acondicionamento, o armazenamento e as condições climáticas em que as coleções estão inseridas.

O Quadro 8 apresenta a descrição dos itens relacionados ao entorno do Espaço Anísio Teixeira.

Quadro 8 - Diagnóstico de Conservação do Espaço Anísio Teixeira

EDIFÍCIO E SEU ENTORNO	
QUESTÕES	OBSERVAÇÕES
Próximo a centros comerciais ou restaurantes?	Apenas restaurantes.
Próximo ao mar?	Sim. Tem-se uma distância de 250 a 300 metros, aproximadamente, entre a localização da biblioteca até a Baía de Guanabara.
Ambiente com janelas?	Sim, porém todas fechadas.
Qual o nível típico de umidade relativa?	O Rio de Janeiro tem variação sazonal extrema, variando muito durante todo o ano. Destaca-se que durante o início do período de análise da biblioteca a vigente estação era o outono, mas que ao término passou a ser vigente o inverno. Ademais, umidade o nível de umidade relativa no ar no mês de maio constava em 81% e no mês de junho 80%.

Qual a temperatura média anual no centro do Rio de Janeiro e a variação de temperatura durante o dia?	Ao longo do ano, em geral a temperatura varia de 18 °C a 31 °C e raramente é inferior a 16 °C ou superior a 35 °C. Durante o período analisado, constatou-se que no mês de maio a temperatura variava entre 26 °C a 20 °C, já no mês de junho variava entre 25° C a 20° C. Leva-se em consideração que de maio até junho o outono e o inverno foram as estações vigentes.
Qual a frequência de chuvas anual e a intensidade dessas chuvas?	Chove ao longo do ano inteiro, porém o mês mais chuvoso no Rio de Janeiro é dezembro, com média de 179 milímetros de precipitação de chuva. Entretanto, durante o período analisado não houve a presença de chuvas.
A chuva é acompanhada por ventos? Se sim, penetra nas aberturas da parede?	A velocidade do vento com chuva passa por variações entre 10,1 e 13,6 km/h.
Há muito trânsito no entorno que possa proporcionar gases provenientes do escapamento dos automóveis prejudicando o acervo?	Sim, o entorno do campus da universidade em que a biblioteca está inserida possui bastante tráfego de automóveis e pessoas, porém as janelas permanecem fechadas o que diminui os danos ao acervo.
Verificou-se a existência de insetos ou animais no entorno do edifício? Descreva-os.	Dentre os insetos verificados, foram: lagartixas, aranhas, borboletas, formigas, mosquitos e libélulas. Já os animais verificados foram: gatos, cachorros, morcegos, ratos e micos estrela.
Descreva a vegetação e o paisagismo no entorno.	Verificou-se a existência de diferentes árvores, gramas baixas e ramos de plantas que se estendem entre postes de iluminação, edifícios e fios de energia e telefonia.
As plantas dão frutos, nozes ou flores? Produzem resíduos de vegetação ou lixo? Atraem insetos?	As árvores presentes são frutíferas e apesar de serem podadas regularmente, produzem alguns tipos de flores e frutos. As árvores, além de atraírem diferentes insetos e morcegos durante o período noturno, acabam gerando muitas sementes e folhas secas.
Descreva brevemente as construções existentes no entorno do prédio. Distância, altura, cores e tipos das paredes e janelas, etc.	Há diferentes edifícios com pouca distância entre um e outro. A 100 metros de distância da biblioteca há a existência de um restaurante universitário e, a cerca de 30 metros, um pequeno espaço a céu aberto que conta com algumas mesas e cadeiras de concreto e quiosques que vendem alimentos.
A calçada é feita com material permeável ou impermeável?	Material impermeável.
Indique o volume de trânsito existente no entorno, se há transporte público e qual o tipo.	Há um alto tráfego de automóveis, sendo os ônibus municipais e intercampus, sendo este último fornecido pela universidade, de caráter público.
Há fontes de água próximas? Podendo ser fontes, espelhos d'água, sistema de esgoto, etc.	Não foi possível ver nenhuma fonte de água nas proximidades.
Qual a faixa de temperatura interna na Biblioteca?	A Biblioteca conta com um termo-higrômetro, entretanto não foi informado a temperatura.
Existe uma diferença significativa entre a temperatura	A temperatura interna da biblioteca é mais amena do

externa e interna?	que a externa.
Qual a dimensão e material das janelas?	O espaço conta com janelas pequenas de vidro revestidas com insulfilme.
Existem aberturas ou fissuras que possibilitam a penetração da umidade através das paredes?	Há pouquíssimas fissuras, sendo estas bem finas.
Há indicações de umidade crescente nas paredes?	Não.
Há indícios de deterioração nas paredes? Há manchas de e ferrugem ou sinais de corrosão?	Não.
Há acúmulo de mofo ou bolor nas superfícies do edifício?	Não.
Comente sobre a ventilação, tanto vertical como horizontal da Biblioteca.	Devido ao fato de que as janelas se encontram fechadas, não foi percebido nenhum indício de ventilação cruzada.
Existem sistemas de ventilação mecânica no local? Ar condicionado ou ventiladores?	Existem ventiladores de piso e grandes dutos de ar que não estão em funcionamento há mais de 10 anos, porém é realizado, periodicamente, uma limpeza nos dutos.
A estrutura do edifício parece ser resistente a ventos e atividades sísmicas?	Sim, a aparência é de que o prédio tem boa resistência.
O edifício ou a biblioteca conta com extintores de incêndio?	Sim, há em torno de 6 extintores, todos dentro da validade.
ACERVO X FATORES FÍSICOS	
QUESTÕES	OBSERVAÇÕES
Qual o tipo de coleção existente na instituição?	São encontrados materiais de origem orgânica como livros, folhetos, cartilhas, dentre outros.
Como o acervo é utilizado? Há empréstimo de livros?	O acervo pode ser consultado presencialmente mediante agendamento prévio e, por se tratar de materiais frágeis, não são emprestados.
Quem são os responsáveis pelos cuidados com essa coleção? Qual sua formação?	Além da bibliotecária chefe, o espaço conta com mais um bibliotecário e um auxiliar.
A instituição permite que os objetos saiam do edifício?	Não.
Existe outro prédio que serve como depósito ou todo o acervo encontra-se no mesmo local?	Não, todo o acervo encontra-se no mesmo prédio.
É necessário mais espaço para acomodar o acervo existente?	Não.
Descreva os móveis utilizados para armazenamento	A Biblioteca conta com dois tipos de estantes, as fixas e as deslizantes, ambas de aço. As estantes fixas, em sua maioria, encontram-se em boas condições, porém algumas possuem pequenas marcas de arranhões, corrosão e desgaste. Já as estantes deslizantes, por serem mais novas, estão em perfeitas condições.

Existe uma política definida sobre fotografar ou filmar as coleções?	Não é permitido utilizar flash para não desgastar o material.
Faça um breve resumo das condições gerais das coleções.	Encontram-se limpas, organizadas e com pequenos reparos realizados com o intuito de permitir sua utilização e impedir sua deterioração. Entretanto, devido ao uso intenso dos materiais ao longo do tempo, antes de chegar à Biblioteca, percebe-se marcas de uso.
Os novos materiais que chegam são de alguma forma isolados e analisados antes de serem inseridos no acervo?	Sim. Os novos materiais adquiridos pela biblioteca ou doados são separados para uma análise que identifica se o item possui algum tipo de agente em atuação para que seja feita a limpeza e, se necessário, reparos.
A deterioração existente é recente ou histórica?	Não é recente.
Quais os materiais das coleções que estão em maior risco devido a níveis inadequados de umidade relativa e/ou temperatura?	Não foi observado.
Os sistemas de luz e temperatura são desligados durante algum período de tempo?	Todos são desligados ao fechar a biblioteca e são religados quando reaberta.
Existe alguma tentativa de controle de temperatura e/ou umidade?	Sim. O espaço conta com esterilizadores, desumidificadores e termostato para controle de temperatura e qualidade do ar.
Descreva o uso de luz natural na Biblioteca e se os materiais ficam expostos a ela.	As janelas existentes ficam permanentemente fechadas, sendo nula a incidência de luz solar natural diretamente no acervo.
Descreva o tipo de luz artificial utilizada.	São usadas lâmpadas fluorescentes tubulares, porém não foi observado o uso de qualquer tipo de filtro.
Existem cortinas ou telas nas janelas? Sabe-se qual o material?	Não.
Quais os materiais sofrem maior risco quanto a elementos de contaminação gasosos provenientes de fontes internas ou externas?	Todos os itens.
As coleções são rotineiramente monitoradas quanto à degradação química causada por poluentes?	Não.
Existem estratégias para lidar com os poluentes gasosos (sistemas de filtração, proibição de fumar, capas contra poeira)?	É proibido fumar na Biblioteca.
ACERVO X FATORES FÍSICOS-MECÂNICOS	
QUESTÕES	OBSERVAÇÕES
Como é realizado o manuseio do acervo?	Dependendo do estado do material, ele é manuseado pela bibliotecária.
O acervo está acondicionado de forma adequada?	Sim.
Como é o acondicionamento?	As coleções são acondicionadas nas estantes, porém, no

	caso dos folhetos, eles se encontram em caixas-arquivo que também são colocadas nas estantes..
O armazenamento é feito de forma apropriada?	Sim.
Como é o armazenamento?	O acervo encontra-se armazenado em estantes fixas e deslizantes.
Há algum tipo de intervenção de conservação curativa ou restauração no acervo?	Sim, as bibliotecárias fazem pequenos reparos nos livros.
A coleção é higienizada periodicamente?	Sim.
Há utilização de EPI's (equipamentos de proteção individual)?	Ao realizar a limpeza e pequenos reparos nos livros, utiliza-se luvas, máscaras e toucas.
Qual o tipo de desastre a área da Biblioteca está sujeita?	Fogo.
A instituição tem pessoal permanente de segurança?	Sim.
Há pessoal de segurança trabalhando na Biblioteca? Qual o horário de trabalho?	Não.
A instituição tem plano de preparação para emergências ou de prevenção de danos?	A UFRJ possui um plano de gerenciamento de riscos criado em 2019, porém atualmente encontra-se em revisão e não foi informado se tal plano se aplica à biblioteca ou se a própria possui um plano próprio para emergências.
Os funcionários são treinados e sabem o que fazer numa emergência? Existe suprimento necessário para lidar com essas situações?	Não.
A que distância está o Corpo de Bombeiros?	Cerca de 7,8 km.
A instituição possui brigada de bombeiros em seu campus? Quantos?	A UFRJ possui uma brigada de bombeiros em seu campus.
Descreva os equipamentos contra incêndios disponíveis no local.	Foram observados a existência de extintores de incêndio do tipo água e pó químico.
Existe sistema de detecção e suspensão de fogo?	Não.
São realizadas regularmente inspeções pelo Corpo de Bombeiros?	Sim.
Em caso de incêndio, qual a fonte principal de água?	Apenas os extintores de incêndio.
Há manutenção na rede elétrica? Qual a periodicidade?	Sim, mas não foi informado a periodicidade.
Quais são as reações planejadas para antes e depois de uma possível inundação?	A biblioteca não corre risco de inundação.
São adotadas políticas para prevenir a entrada de pessoas não autorizadas e possíveis roubos?	Sim, para acessar o acervo é necessário guardar bolsas, mochilas, etc.
Como é controlado o acesso das pessoas? Há registro e manutenção dos acessos?	Sim. O acesso é liberado conforme agendamento e preenchimento de um formulário para acessar o espaço.

Pessoas que não fazem parte do quadro de funcionários podem entrar desacompanhados na área de armazenamento de coleções?	Não.
Descreva os sistemas ou dispositivos de segurança do edifício e das coleções.	Há apenas um dispositivo contra furtos.
Como é feito o inventário do acervo? Quando foi feito pela última vez?	Não foi informado.
Há depósitos especiais?	Não.
Há limpeza do telhado e calhas visando amenizar os problemas em caso de chuva?	Não foi informado.

ACERVO X FATORES QUÍMICOS

QUESTÕES	OBSERVAÇÕES
É utilizado algum tipo de material dentro dos livros para marcação de páginas?	Não.
É utilizado inseticidas no ambiente ou no acervo em si?	Não.
É utilizado cola na tentativa de restaurar algum material?	Não.
Há poeira no local ou obras ao redor?	Não.
O acervo e o local em que ele está inserido encontra-se limpo?	Sim.
Que tipo de instrumento é utilizado para realizar a limpeza dos materiais? é utilizado algum produto?	Utiliza-se a mesa higienizadora, além de lixas, trinchas, pincéis, aspirador e estilete para limpeza dos itens
É utilizado EPI's ao higienizar os livros?	Sim, são usados máscaras, luvas e toucas.
É utilizado algum tipo de material instável nos livros? como cliques metálicos, grampos, tintas, papéis e adesivos?	É utilizado fitas crepe, em alguns casos, e fios de algodão para manter a integridade do material.

ACERVO X FATORES BIOLÓGICOS

QUESTÕES	OBSERVAÇÕES
Há indícios da presença de insetos e outros animais daninhos na área das coleções?	Notou-se apenas finas e pequenas teias de aranha na parte de baixo da estante do acervo, o que indica a presença de aracnídeos.
A instituição tem programa de monitoramento para controlar os insetos e animais daninhos?	Não.
Alimentos são armazenados, preparados ou consumidos no edifício?	Não.
Os pesticidas são empregados rotineiramente na estrutura, em torno da parte externa da estrutura, ou nos espaços internos?	Internamente.

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Como demonstrado no quadro diagnóstico, o Espaço Anísio Teixeira possui, apesar de não tão grande como os demais prédios da BCFCH, um bom espaço que abriga sem nenhum tipo de problema toda coleção de obras especiais e raras que, no caso de visitação local, é bem localizada e possui alto tráfego de automóveis, sendo os ônibus bastante utilizados pela comunidade acadêmica devido a diversas linhas que passam por ali e deixam em frente à universidade. Além disso, em frente à Biblioteca há um ponto de ônibus exclusivo da universidade que leva seus passageiros para o outro campus da UFRJ localizado na Cidade Universitária. Dessa forma, a presença de automóveis dentro da área da universidade pode ser considerado a maior fonte de agentes químicos poluidores na biblioteca devido a liberação de gases poluentes próximos ao edifício da Biblioteca, sendo assim, é importante utilizar filtros nos aparelhos de ventilação e climatização de ambiente, caso haja, e revisá-los para mantê-los limpos para sua plena funcionalidade.

Figura 2 - Visão da frente da biblioteca



Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Além disso, o espaço ao redor da biblioteca conta com uma ampla vegetação que geram resíduos das árvores ali presentes, o que consequentemente aumenta as chances da atração de insetos e animais, que já são frequentes. Foi observado gatos e cachorros abandonados pelo campus que são alimentados com água e ração pela população que ali

frequente, apesar da UFRJ ter uma equipe própria para lidar com o aparecimento desses animais, ainda é algo que se vê no ambiente universitário. Micos estrela também são avistados com frequência andando pelas árvores, fios, postes e muros da instituição.

Insetos não são vistos dentro dos edifícios, apesar de se ter uma área com bastante vegetação. Algumas árvores são frutíferas e deixam resíduos, principalmente dependendo da estação. Portanto, é necessário realizar a colocação de telas nas janelas para impedir que tais resíduos possam adentrar o ambiente interno da biblioteca onde se encontra o acervo, além de vistoria biológica.

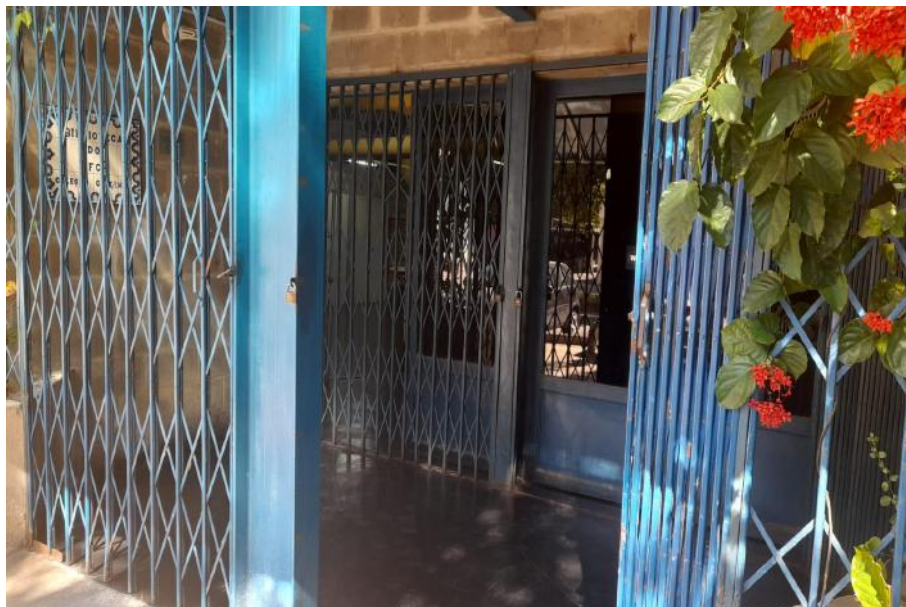
Figura 3 - Visão da frente da biblioteca de outro ângulo



Fonte: Elaborado pela autora (2023).

A incidência de luz solar natural diretamente no prédio da Biblioteca que atinge seu ambiente interno é considerada pouca devido à altura dos prédios que cercam o edifício, até determinado horário, cobrem grande parte dos raios solares, além disso, as árvores ao redor também atordoam uma parcela da incidência da luz.

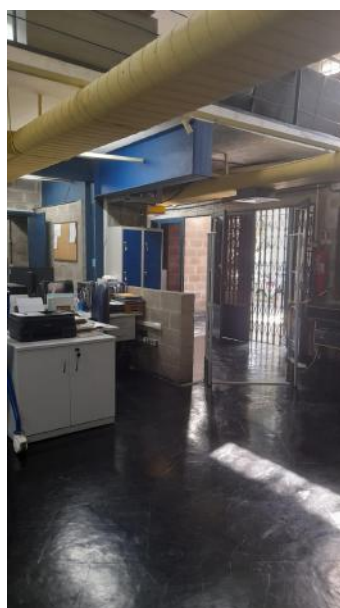
Figura 4 - Entrada e saída externa do Espaço Anísio Teixeira



Fonte: Elaborado pela autora (2023).

A entrada da Biblioteca conta com duas grades na entrada como medida de segurança de roubos e furtos durante o horário em que ela se encontra fechada. As portas de vidro possuem insulfilm de modo a diminuir a entrada de raios solares, porém há uma parte da porta que se mantém aberta diariamente o período de atendimento do espaço para passagem de ar natural. Ademais, seu edifício aparenta não ter sofrido nenhum tipo de dano que comprometa sua estrutura, seja fissura, rachadura, etc.

Figura 5 - Entrada e saída interna do Espaço Anísio Teixeira



Fonte: Elaborado pela autora (2023).

A entrada do Espaço Anísio Teixeira conta com equipamentos antifurto, câmeras de segurança em pontos estratégicos e guarda-volumes para a colocação de bolsas e mochilas para que possa ser permitida a consulta do acervo, entretanto, não há nenhuma equipe de segurança que guarda exclusivamente a unidade, o que é algo crucial para uma unidade de informação que guarda bens dotados de grande valor. Ademais, ao lado encontra-se mesas com equipamentos eletrônicos utilizados pelas bibliotecárias que usam para satisfazer as obrigações da biblioteca e atendimento de usuários.

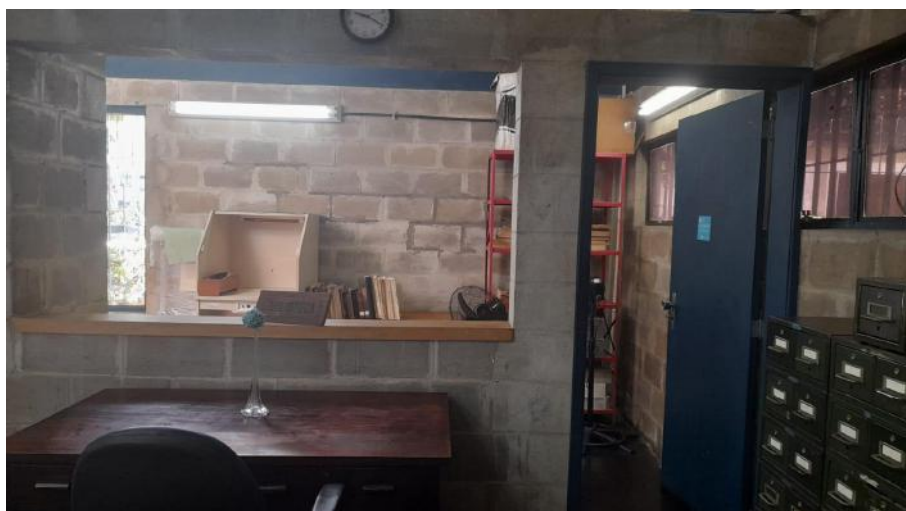
Para o controle de fluxo usuários no espaço, as bibliotecárias apresentam um formulário que é preenchido na recepção, no caso de visita física local, mas no caso de um agendamento prévio feito online para visitar a biblioteca o formulário também é disponibilizado online.

Percebe-se que é utilizada lâmpadas fluorescentes tubulares sem filtro para iluminação do local, porém algumas encontram-se queimadas ou falhadas, piscando fracamente. A incidência de luz solar da entrada até o acervo é mínima. A substituição de tais lâmpadas pelas do tipo LED contribui para manter a integridade do material, o que torna relevante para o espaço a troca das mesmas.

O edifício da Biblioteca é dividido em dois pavimentos. No primeiro há a recepção, mesas com cadeiras para estudos e leituras, espaço de higienização e reparos dos materiais, uma copa, dois banheiros, uma pequena sala privativa para reuniões e conversas privadas específicas que envolvam o nome do espaço, além de parte do acervo. Já no segundo pavimento há a continuação da coleção e o mobiliário pertencentes à Biblioteca.

Observou-se que o espaço da copa fica localizado na entrada ao lado direito, distante do acervo, e mantém suas portas fechadas. Além disso, os dois banheiros do edifício ficam localizados próximo a copa e também mantém suas portas fechadas.

Figura 6 - Espaço de higienização e pequenos reparos dos materiais



Fonte: Elaborado pela autora (2023).

O espaço de higienização dos materiais da instituição conta com uma mesa higienizadora que suga a sujeira, mas que não possui uma cúpula de acrílico, além disso, há uma estante com materiais separados para limpeza e pequenos reparos realizados no processamento técnico. São utilizadas lixas, trinchas, pincéis, aspirador Rainbow, estilete, pó de borracha, cordão de algodão, tesoura e fita crepe para limpeza e reparo dos itens, outrossim, são utilizados máscaras, luvas e toucas como forma de proteção individual contra a contaminação de agentes nocivos à saúde. Dependendo do estado da capa do livro, é recriado uma nova capa que envolve a original para evitar mais danos e preservá-la.

É importante destacar que segundo as bibliotecárias não são realizadas medidas de restauração, mas sim “pequenos reparos”, como são chamados pela equipe, devido a falta de verba, materiais, principalmente químicos, e profissionais qualificados que são necessários para esse processo. Para que a restauração seja feita, a capacitação dos bibliotecários na equipe se torna um ponto crucial para a biblioteca, pois, por lidarem com materiais fragilizados, é importante tomar medidas que vão de fato conservar o material por um longo período de tempo, algo que somente profissionais qualificados tem a capacidade de realizar.

Outrossim, vale salientar que o local onde se realiza limpeza e reparos de livros devem, pelo menos, serem bem isolados dos demais materiais, pois, devido a falta de uma mesa higienizadora adequada, a proliferação de microrganismos pode ser feita através do ar, o que evidencia a necessidade da substituição da mesa atual, por uma nova.

Figura 7 - Janelas da Biblioteca e instalação elétrica aparente



Fonte: Elaborado pela autora (2023).

As janelas de vidro possuem grades de proteção do lado de fora e contam com insulfilm para bloquear parte da incidência de luz natural solar. Notou-se que a quantidade de luz que incide não é tão alta devido à direção em que o sol nasce e se põe ao longo do dia. Além do mais, elas permanecem fechadas e possuem pequenas dimensões. Fica à vista as instalações elétricas que estão devidamente revestidas e não se encontram com fiação à mostra.

No espaço não há nenhum tipo de sistema de detecção e suspensão contra o fogo, sendo de extrema importância sua instalação, assim como o treinamento e capacitação de pessoal em caso de emergências como incêndios.

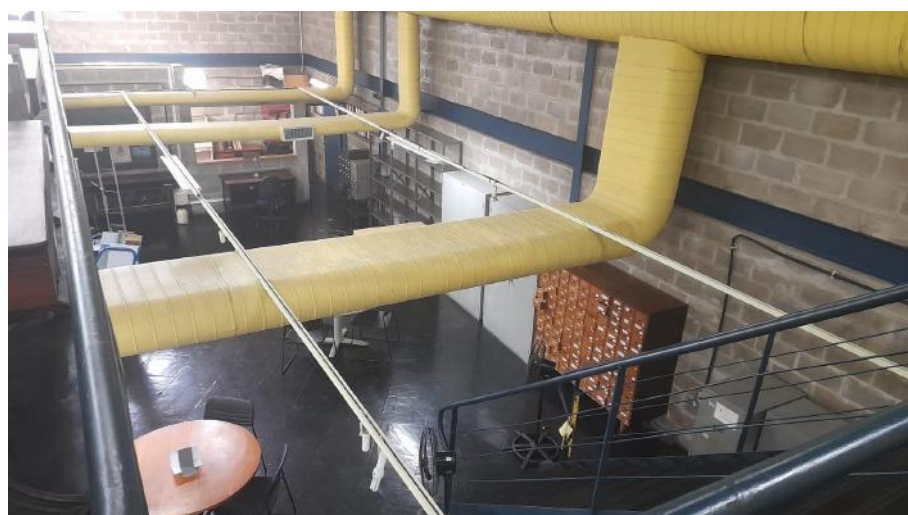
Figura 8 - Primeiro pavimento da Biblioteca



Fonte: Elaborado pela autora (2023).

O primeiro pavimento conta com estantes deslizantes doadas pelo Sistema de Bibliotecas e Informação da UFRJ que estão em boas condições e abrigam a coleção INEP. Como grande parte de seu acervo é composto por doações, principalmente de grandes nomes da história educacional e memorial, o nome do antigo dono é colocado na coleção.

Figura 9 - Visão de cima do primeiro pavimento da Biblioteca



Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Existem dutos de ar que percorrem toda a biblioteca, mas que estão desativados há mais de 10 anos devido a problemas técnicos, entretanto, foi informado que a biblioteca teve

um plano elaborado pelo INEP que foi aprovado recentemente para futuras instalações de ar-condicionados. Vale destacar que os dutos são limpos periodicamente.

O espaço também conta com esterilizadores de ar, desumidificadores e termo-higrômetro para controle de ambiente.

Com isso, o monitoramento e a análise das condições de temperatura e umidade relativa no ambiente, são relevantes para decidir se há, de fato, a necessidade de instalação de ar condicionado.

Figura 10 - Estantes do segundo pavimento



Fonte: Elaborado pela autora (2023).

As estantes do segundo pavimento são fixas e seu material é composto por ferro e contam com inúmeros materiais, não há superlotação de livros nas estantes que possuem, de um a dois, bibliocantos de metal em cada ponta da estante. Observou-se a presença de uma escada dobrável que estava em um estado avançado de corrosão recostada em uma das estantes, o que traz um grande risco de contaminação do acervo.

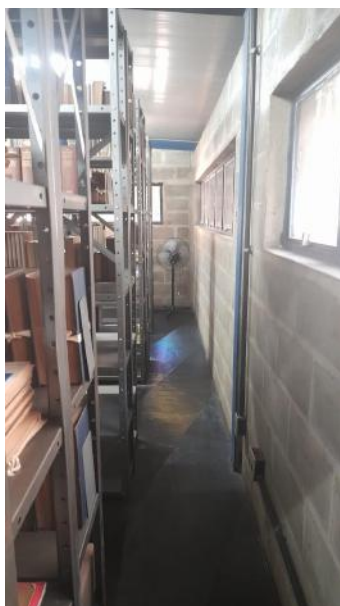
Figura 11 - Estado das estantes do segundo pavimento



Fonte: Elaborado pela autora (2023).

As condições de uso das estantes fixas utilizadas no segundo pavimento apresentam alguns sinais de oxidação que se não tratados, resultarão em corrosão e ferrugem. É importante que as estantes sejam substituídas por estantes de aço epóxi para evitar seu desgaste e oxidação. Também foi observada a presença de algumas teias de aranha nas partes vazias das estantes, o que evidencia a presença do aracnídeo, sendo preciso fazer uma limpeza mais detalhada nos cantos em que não são tão utilizados pelos livros.

Figura 12 - Final dos corredores das estantes do segundo pavimento



Fonte: Elaborado pela autora (2023).

As estantes possuem uma margem de distância das paredes e teto, o ideal para todo e qualquer acervo, sendo possível caminhar em volta de todo o acervo, entretanto, observou-se que as últimas prateleiras das estantes não possuem um afastamento mínimo do chão, sendo importante não manter materiais nas últimas prateleiras e no caso de substituição das estantes fixas, optar por uma que possua uma distância considerável do chão. Em cada andar há extintores contra incêndio bem localizados além de câmeras de segurança.

Figura 13 - Estante com folhetos acondicionados em caixas-arquivo



Fonte: Elaborado pela Autora (2023).

Os folhetos do acervo estão acondicionados em caixas-arquivo de modo a preservar sua integridade já que são materiais mais frágeis. Outras obras também encontram-se com variações em seu acondicionamento, como o uso de sacos transparentes com o intuito de conservar tanto o item ensacado quanto os demais.

Figura 14 - Parte do acervo do Espaço Anísio Teixeira



Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Parte de seu acervo, por estar comprometido devido às más condições de acondicionamento e armazenamento, alguns itens possuem amarras de cordão de algodão para as obras mais frágeis. Por não contarem com um profissional qualificado para atuar manualmente na restauração, é provável que os materiais mantenham-se assim até que se obtenha os recursos necessários para de fato melhorar a integridade e manuseio do documento.

Figura 15 - Outra parte do acervo do Espaço Anísio Teixeira



Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Muitos livros se encontram em bom estado de conservação e outros aparentam não estar, porém todos passaram pelo processo de higienização e reparos básicos, portanto, todos que se encontram ali presentes são considerados próprios para uso, porém não é permitido, como forma de desacelerar a degradação dos materiais, realizar fotocópias e tirar fotos com flash.

Segundo a bibliotecária chefe, o Espaço Anísio Teixeira, assim como a Biblioteca do CFCH e outras pertencentes à UFRJ, possuem uma política de preservação que é emitida pelo SiBI da própria UFRJ para todas as bibliotecas que somente os funcionários têm acesso, sendo indisponíveis aos demais. Entretanto, por mais que haja uma política para as bibliotecas, cada uma delas possui necessidades diferentes, por isso, é indispensável a exclusiva elaboração de uma política de preservação própria para o Espaço Anísio Teixeira que considere seu contexto local.

Figura 16 - Móveis de Anísio Teixeira



Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Por fim, a Biblioteca possui os móveis pertencentes, anteriormente, ao educador Anísio Teixeira, que foi um dos diretores do INEP, todos os móveis foram doados pela filha do educador. Não há nenhum tipo de restrição quanto ao uso dos móveis, inclusive durante a visita foi permitido tocar e utilizá-los. Dentre os móveis estão: uma mesa de trabalho, uma mesa de centro, um sofá de três lugares, duas poltronas e um mata-borrão. Além disso, está sob a posse da Biblioteca a chapeleira e mesa de estudos da antiga biblioteca da Faculdade Nacional de Filosofia (FNFfi) da UFRJ.

É preciso ter um cuidado a mais, pois, uma vez que os móveis pertenceram ao Educador Anísio Teixeira, mereciam um cuidado como o acervo museológico da biblioteca, além de serem constituídas de madeira que, se não bem conservadas, podem atrair alguns agentes de deterioração tanto para os materiais que a biblioteca abriga quanto para os móveis em si.

4.1 PONTOS FORTES E FRACOS DA BIBLIOTECA

A seguir estão apresentados os pontos fortes e fracos da Biblioteca.

Quadro 9 - Principais pontos fortes e fracos do Espaço Anísio Teixeira

Nº	PONTOS FORTES
1	Edifício em boas condições;
2	O espaço encontra-se em uma boa localização;
3	Mesmo com os poucos recursos, muitas medidas adotadas pela Biblioteca estão de acordo com o que é proposto para a conservação e preservação dos itens;
4	Materiais bem acondicionados e armazenados;
5	Riqueza histórica do acervo e das mobílias de Anísio Teixeira;
6	A equipe da biblioteca sabe da importância e da necessidade de cuidados extras com as coleções devido ao seu valor de memória.
Nº	PONTOS FRACOS
1	Não possui uma política de preservação própria para a Biblioteca, apenas utiliza-se uma política geral para todas as bibliotecas da UFRJ;
2	Falta de recursos financeiros para os processos voltados para a restauração;
3	Em torno do edifício há muito tráfego de automóveis que podem ajudar no aumento de poluentes;
4	O entorno do edifício possui muitas árvores frutíferas, o que aumenta o risco de existência de morcegos e insetos;
5	Não há uma equipe de segurança para o espaço e seu acervo.

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

4.2 RECOMENDAÇÕES GERAIS

Tendo ciência dos fatos apresentados e, principalmente, da situação em que se encontra o acervo mediante ao quadro do diagnóstico de conservação, surgem as seguintes questões: o que pode ser feito para que os pontos fracos sejam resolvidos? O que pode ser melhorado ou evitado para garantir a preservação do acervo? Por onde começar? O que fazer?

Diante disso, para que a biblioteca mantenha não somente seu acervo a salvo, mas também seu edifício, recomenda-se que ela siga as seguintes instruções:

- a) Elaborar uma política de preservação própria para o Espaço Anísio Teixeira;
- b) Capacitação dos bibliotecários da equipe para a restauração do acervo;
- c) Treinamento e capacitação de pessoal em caso de emergências;
- d) Substituição das lâmpadas pelas do tipo LED;
- e) Contratação de segurança para supervisionar a biblioteca;
- f) Retirar o material bibliográfico das estantes comprometidas com ferrugem;
- g) Substituir estantes em processo de oxidação, por estantes com acabamento em aço epóxi;
- h) Colocação de telas nas janelas;
- i) Realizar uma modificação na área de higienização do acervo de modo que o pó e a sujeira retirada não voltem para a coleção, sendo necessário instalar uma mesa de higienização adequada;
- j) Instalação de sistemas de proteção contra incêndio;
- k) Realização de manutenção predial, elétrica e hidráulica uma vez ao ano.

Desta maneira, foram recomendados e destacados os principais pontos que requerem mais atenção e cuidado por parte, não somente da Biblioteca, mas da instituição em si. É importante frisar que essas medidas referem-se ao diagnóstico realizado , devendo ser revisado anualmente.

5 CONCLUSÃO

Diante do que foi visto acerca do Espaço Anísio Teixeira, percebe-se que toda sua equipe compreende a importância do acervo e busca realizar ações que retardam a degradação de seu acervo, o que é algo que faz toda diferença, pois mesmo que a instituição a qual a biblioteca pertence não disponibilize todos os recursos necessários para a realização da restauração desses bens, os bibliotecários presentes procuram tomar medidas que possam aumentar, mesmo que pouco, a vida útil dos materiais.

Ademais, pode-se pensar que apesar de não poder eliminar totalmente tudo aquilo que causa a deterioração dos documentos, é possível diminuir, consideravelmente, a rapidez com que ela se alastra por meio de cuidados com o ambiente, manuseio, intervenções, higiene, etc. (CASSARES; MOI, 2000, p. 13).

Desde o primeiro contato com a bibliotecária responsável, até as funções desempenhadas pela equipe, percebe-se que há um cuidado não somente com o ambiente, mas com toda coleção, assim como a preocupação em adaptar cada vez mais o local para que o acervo se mantenha seguro. Toda a dedicação por parte das bibliotecárias do espaço feita com o intuito de trazer cada vez mais melhorias permitiu que a pesquisa conseguisse recolher informações relevantes ricas em detalhes, de modo a descrever a real situação da biblioteca, assim como fornecer os cuidados necessários para as obras ali presentes.

O acervo do Espaço Anísio Teixeira é dotado de grande valor histórico social relevante para a área da educação brasileira, sendo até mesmo referência para pesquisadores, pois o educador Anísio Teixeira dedicou grande parte de sua vida ao desenvolvimento de projetos na gestão pública educacional e visava garantir a educação de todos os brasileiros. Dessa forma, a biblioteca se empenha na importante função de recuperar os ideais defendidos pelo educador, assim como manter sua memória.

Sendo assim, percebe-se a importância da acerca da preservação dos suportes informacionais, uma vez que eles implicam no repasse de conhecimento entre gerações e são extremamente necessários para o âmbito da Biblioteconomia e, principalmente, do profissional bibliotecário que precisa ter conhecimento prévio da temática em questão para evitar que um acervo se encontre em péssimo estado.

REFERÊNCIAS

ABNT. **ISO 31000**: gestão de riscos: princípios e diretrizes. Rio de Janeiro: Associação Brasileira de Normas Técnicas, 2009.

ABRACOR. **Terminologia para definir a conservação do patrimônio cultural tangível**. Rio de Janeiro: Associação Brasileira de Conservadores-Restauradores de Bens Culturais, jun. 2010. Boletim eletrônico, n. 1. Disponível em: <https://antoniomirabile.com/images/competence/56bf5dfd06e968.57668508-areservatecnicatambememuseu.pdf>. Acesso em: 13 jun. 2023.

ALVES, F.M.M.; SANTOS, B.A dos. Fontes e recursos de informação tradicionais e digitais: propostas internacionais de classificação. **Biblos**: Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação, Rio Grande do Sul, n. 72, p. 35-50, 2018.

ARQUIVO NACIONAL (Brasil). **Gerenciamento de riscos**: do planejamento à execução. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2019. Disponível em: <https://www.gov.br/arquivonacional/pt-br/centrais-de-conteudo-old/manual-gerenciamento-riscos-2019-digital-miolo-online-pdf>. Acesso em: 14 jun. 2023.

BARBIER, Frédéric. **História do livro**. São Paulo: Paulistana, 2008.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Editora 70, 2016.

BÁEZ, Fernando. **História universal da destruição de livros**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

BECK, Ingrid. O projeto conservação preventiva em bibliotecas e arquivos e a formação de profissionais em conservação no Brasil: necessidades e perspectivas. **Cadernos do CEOM**, [Chapecó], n. 22, 2005. Disponível em: <https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rcc/issue/view/152>. Acesso em: 28 jun. 2023.

BIBLIOTECA DO CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS. **Sobre a Biblioteca**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2023a. Disponível em: <https://biblioteca.cfch.ufrj.br/index.php/sobreabiblioteca>. Acesso em: 12 jun. 2023.

BIBLIOTECA DO CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS. **Espaço Anísio Teixeira**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2023b. Disponível em: <https://btcfcufjrjbr.blogspot.com/p/espaco-anisio-teixeira.html>. Acesso em: 12 jun. 2023.

BRASIL. Tribunal de Contas da União. **Referencial básico de gestão de riscos**. Brasília, DF: Secretaria Geral de Controle Externo (Segecex), 2018. Disponível em: https://www.gov.br/defesa/pt-br/arquivos/asplan/referencial_basico_de_gestao_de_riscos.pdf. Acesso em: 16 jun. 2023.

CALDEIRA, Cinderela. Do papiro ao papel manufaturado. **Espaço Aberto (USP)**, [São Paulo], n. 24, outubro de 2002. Disponível em:

<https://www.usp.br/espacoaberto/arquivo/2002/espaco24out/vaipara.php?materia=Ovaria>. Acesso em: 18 jun. 2023.

CALDEIRA, Cleide Cristina. Conservação preventiva: histórico. **Revista CPC**, [s. l.], n. 1, p. 91-102, abr. 2006. DOI: 10.11606/issn.1980-4466.v0i1p91-102. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/cpc/article/view/15582>. Acesso em: 28 jun. 2023.

CAMPELLO, Bernadete. **Introdução ao controle bibliográfico**. 2. ed. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 2006.

CAMPOS, Maria Luiza Farias de; SANTOS, Jussara Pereira; MATTOS, Lorete. Políticas de preservação de documentos em bibliotecas públicas estaduais brasileiras. Congresso Brasileiro de Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação. **Anais**. Brasília, DF: Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários, 2007. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/10713/000598945.pdf?sequ>. Acesso em: 13 jun. 2023.

CASA DE OSWALDO CRUZ. **Política de preservação e gestão de acervos culturais das ciências e da saúde**. Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: https://www.coc.fiocruz.br/images/PDF/politica_preservacao_gestao_acervos_coc.pdf. Acesso em: 29 jun. 2023.

CASSARES, Norma Cianflone; MOI, Claudia. **Como fazer conservação preventiva em arquivos e bibliotecas**. São Paulo: Arquivo do Estado, Imprensa Oficial, 2000. (Projeto como fazer, 5).

CONARQ. **Recomendações para a construção de arquivos**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2000. Disponível em: https://www.gov.br/conarq/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/recomendaes_para_construcao_de_arquivos.pdf. Acesso em: 14 jul. 2023.

CORREIA, Carol. **Rolê UFRJ #3**: biblioteca do CFCH: conjunto de bibliotecas localizado no campus Praia Vermelha conta com rico acervo focado em Ciências Humanas e Sociais. Rio de Janeiro: UFRJ, jun. 2022. Pelo campus. Disponível em: <https://conexao.ufrj.br/2022/06/role-ufrj-3-biblioteca-do-cfch/>. Acesso em: 14 jun. 2023.

FIOCRUZ. **Política de preservação dos acervos científicos e culturais da Fiocruz**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2020. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/documento/politica-de-preservacao-dos-acervos-cientificos-e-culturais-da-fiocruz#:~:text=Política%20de%20Preservação%20dos%20Acervos%20Científicos%20e%20Culturais%20da%20Fiocruz,-Compartilhar%3A&text=A%20política%2C%20construid%20a%20de%20forma,sob%20a%20guarda%20da%20Fiocruz>. Acesso em: 16 mai. 2023.

FLICK, Uwe. **Introdução à metodologia de pesquisa: um guia para iniciantes**. Trad. Magda Lopes. Porto Alegre: Penso, 2013.

FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL. **Política de preservação digital**. Rio de Janeiro: FBN, 2006. Disponível em: https://bndigital.bn.gov.br/wp-content/uploads/2021/01/politica_de_preservacao_digital_F

[BN_web.pdf](#). Acesso em: 05 jun. 2023.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (orgs.). **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GONÇALVES, Willi de Barros. Diagnóstico de condições de conservação de coleções: considerações para desenvolvimento de Protocolos de Acreditação de instituições museais no cenário brasileiro. *Patrimônio e Memória*, Assis, SP, v. 16, n. 1, p. 389- 412, jan./jun. 2020. Disponível em:

<https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/52572/2/Diagnóstico%20de%20condições%20de%20conservação%20de%20coleções.pdf>. Acesso em: 12 jun. 2023

GONDAR, Josaida de Oliveira; CABRAL, Rosimere Mendes. Bibliotecas de Alexandria: a produção dos conhecimentos a partir de Gabriel Tarde. **Revista Perspectivas do Desenvolvimento**: um enfoque multidimensional, v. 2, n. 3, dezembro de 2014.

HOIRISCH, Marisa. **Palácio Universitário**: Materiais e técnicas construtivas. 2007. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

HOLLÓS, Adriana Cox; PEDERSOLI JÚNIOR, José Luiz. Gerenciamento de riscos: uma abordagem interdisciplinar. **PontodeAcesso**, Salvador, v. 3, n. 1, p. 72-81, abr. 2009. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaici/article/view/3314/2424>. Acesso em: 15 jun. 2023.

IBGE. **Anuário Estatístico do Brasil**: 1954: ano XV. Rio de Janeiro: IBGE, 1954. Disponível em: https://istmat.org/files/uploads/47494/anuario_estatistico_do_brasil_1954.pdf. Acesso em: 20 jun. 2023.

IPHAN. **Compromisso de Brasília**. 1970. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Compromisso%20de%20Brasilia%201970.pdf>. Acesso em: 28 jun. 2023.

JARDIM, Maria Cristina Rangel. O acervo INEP da UFRJ: 30 anos... e muita história pra contar. In: OLIVEIRA, Antonio José Barbosa de (org.). **Universidade e lugares de memória**. Rio de Janeiro: UFRJ, Sistema de Bibliotecas e Informação, 2008. Disponível em: <https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/139/1/memoria2.pdf>. Acesso em: 17 jun. 2023.

MACIEL, Alba Costa. **Instrumentos para gerenciamento de bibliotecas**. Niterói: EDUFF, 1995. 86 p.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MAHTANI, Noor. Dois séculos de história e literatura queimados na Cidade do Cabo. [S. l.]: *El Pais*, abr. 2021. Internacional. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/internacional/2021-04-21/dois-seculos-de-historia-e-literatura-queimados-na-cidade-do-cabo.html>. Acesso em: 29 jun. 2023.

MEDEIROS, Ana Ligia. As bibliotecas na antiguidade. **Memória e Informação**, [s. l.] v. 3, n. 2, p. 69-85, jul./dez. 2019. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/download/127789>. Acessado em: 18 jun. 2023.

MEY, Eliane Serrão Alves; SILVEIRA, Naira Christofolletti. **Catálogo no plural**. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 2009.

MILANESI, Luís. **O que é biblioteca**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 26. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

MONTEIRO, Silvana Drumond; CARELLI, Ana Esmeralda. Ciberespaço, memória e esquecimento. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 8., 2007, Salvador. **Anais eletrônicos...** Salvador: UFBA/ANCIB, 2007. Disponível em: <http://enancib.ppgci.ufba.br/artigos/GT1--104.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2023.

NAVARRO, Antonio Fernando. **A função e a origem do gerenciamento de riscos**. Rio de Janeiro: UFF, 1999. Disponível em: <https://pt.slideshare.net/AntonioFernandoNavarro/a-funo-e-a-origem-do-gerenciamento-de-riscos>. Acesso em: 14 jun. 2023.

ONO, Rosália. **Proteção do patrimônio histórico-cultural contra incêndio em edificações de interesse de preservação**. Rio de Janeiro, 2004. Palestra apresentada na Fundação Casa de Rui Barbosa.

ONO, Rosália; MOREIRA, Kátia Beatris Rovaron. **Segurança em Museus**. Brasília, DF: MinC/Ibram, 2011. Disponível em: <https://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2012/08/Seguranca-em-Museus.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2023.

PADAMO, Nadine; NUNES, Aida Maria; MACEDO, Maria Filomena. Análise de risco aplicada às reservas do Museu de Lisboa. **Conservar Património**, Lisboa, v. 27, p. 71-81, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.14568/cp2016045>. Acesso em: 17 jun. 2023.

PEDERSOLI JÚNIOR, José Luiz; ANATOMARCHI, Catherine; MICHALSKI, Stefan. **Guia de gestão de riscos para o patrimônio museológico**. Brasília: IBERMUSEUS; ICCROM, 2017. Disponível em: https://www.iccrom.org/sites/default/files/2018-01/guia_de_gestao_de_riscos_pt.pdf. Acesso em: 16 jun. 2023.

PINHEIRO, L. V. R.; GRANATO, M. Para pensar a interdisciplinaridade na preservação: algumas questões preliminares. In: SILVA, Rubens Ribeiro Gonçalves da (Org.). **Preservação documental: uma mensagem para o futuro**. Salvador: EDUFBA, 2012.

125p. Disponível em:

<https://ridi.ibict.br/bitstream/123456789/399/1/PINHEIROPreservacao2012.pdf>. Acesso em: 18 jun. 2023.

PUPPO, D.T. Acessibilidade em bibliotecas: outras possibilidades de atuação dos bibliotecários frente aos novos formatos de livros. Seminário Nacional de Bibliotecas Universitárias. Rio de Janeiro: UFRJ, 2010. Disponível em: <http://repositorio.febab.org.br/items/show/4983>. Acesso em 2 de abril de 2023.

RICHARDSON, Jarry Richardson et al. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 3. ed. rev. e ampl. São Paulo: Atlas, 2012. cap. 4.

RUPPENTHAL, Janis Elisa. **Gerenciamento de riscos**. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, Colégio Técnico Industrial de Santa Maria; Rede e-Tec Brasil, 2013.

SANTA ANNA, Jorge. Trajetória histórica das bibliotecas e o desenvolvimento dos serviços bibliotecários: da guarda informacional ao acesso. **RDBCI: Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, SP, v. 13, n. 1, p. 138–155, jan. 2015. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/1585>. Acesso em: 10 jun. 2023.

SANTOS, Josiel Machado. Bibliotecas no Brasil: um olhar histórico. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 6, n. 1. p. 50-61, jan./jun. 2010. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/132/168>. Acesso em: 13 jun. 2023.

SANTOS, Marcel Pereira; SANTOS, Cintia Almeida da Silva. Bibliotecas Públicas no século XXI: uma releitura da literatura. **CRB-8 Digital**, 1, São Paulo, v. 5, n. 2, p. 10-16, dez. 2012. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/download/46766#:~:text=A%20primeira%20biblioteca%20pública%20oficial,invasão%20pelas%20tropas%20de%20Napoleão>. Acesso em: 26 jun. 2023.

SILVA, Sérgio Conde de Albite. **Algumas reflexões sobre preservação de acervos em arquivos e bibliotecas**. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 1998.

SILVA, Sérgio Conde de Albite. Ciência e tecnologia na preservação da informação: um desafio político. **Revista Acervo**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, p. 41-70, 2004. Disponível em: <https://revista.arquivonacional.gov.br/index.php/revistaacervo/article/view/160/996>. Acesso em: 05 jun. 2023.

SILVA, Tiago Cesar. Gerenciamento de Riscos de Bens Culturais. **Revista Eletrônica da ABDF**, v. 4, número especial, p. 433-447, 2020. Disponível em: <https://revista.abdf.org.br/abdf/article/view/122>. Acesso em: 14 jun. 2023.

SOUZA, L. A. C. **Diagnóstico de conservação: modelo proposto para avaliar as necessidades de gerenciamento ambiental em museus**. Belo Horizonte: UFMG, Escola de Belas Artes, 2000. 39 f.

SOUZA, Luiz Antônio Cruz; ROSADO, Alessandra; FRONER, Yacy-Ara (orgs). **Roteiro de avaliação e diagnóstico de conservação preventiva**. Belo Horizonte: Escola de Belas Artes, 2008. Disponível em:

<https://www.sisemsp.org.br/blog/wp-content/uploads/2014/04/Roteiro-de-Avaliação-e-Diagnóstico.doc.pdf>. Acesso em: 30 jun. 2023.

SPINELLI JÚNIOR, Jayme. **A conservação de acervos bibliográficos & documentais**. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 1997. Disponível em:

<http://consorcio.bn.br/consorcio/manuais/manualconservacao/manualjame.pdf>. Acesso em: 05 jun. 2023.

SPINELLI JÚNIOR, Jayme; PEDERSOLI JÚNIOR, José Luiz. **Biblioteca Nacional: plano de gerenciamento de riscos: salvaguarda & emergência**. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, c2010. Disponível em:

http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_obrasgerais/drg_plano_risco_por/drg_plano_risco_por.pdf. Acesso em: 05 jun. 2023.

SPINELLI, Jayme; BRANDÃO, Emiliana; FRANÇA, Camila. **Manual técnico de preservação e conservação: documentos extrajudiciais CNJ**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2011. Disponível em:

<https://corregedoria.tjce.jus.br/wp-content/uploads/2016/02/Manual-Técnico-de-Preservação-e-Conservação-de-Documentos-Extrajudiciais-.pdf>. Acesso em: 05 jun. 2023.

SUAIDEN, Emir José. **Biblioteca pública brasileira: desempenho e perspectivas**. São Paulo: LISA; [Brasília, DF]: INL, 1980.

SUNDSTRÖM, Admeire da Silva Santos. Políticas públicas de preservação do patrimônio cultural no Brasil e o papel social do bibliotecário. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, v. 15, n. 2, maio/ago. 2019.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO. Rio de Janeiro, c2023. Disponível em: <https://ufrj.br>. Acesso em: 6 jun. 2023.

VIEIRA, Ronaldo. **Introdução à teoria geral da Biblioteconomia**. Rio de Janeiro: Interciência, 2014. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/79126242.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2023.

VILAÇA JÚNIOR, Erinaldo dos Santos. **Gerenciamento de riscos: preservação do acervo da Coleção Especial Obras Raras da Biblioteca da Faculdade de Direito do Recife**. 2021. Dissertação (Mestrado em Museologia e Patrimônio) - Centro de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

WEATHER SPARK. **Clima e condições meteorológicas médias em Rio de Janeiro no ano todo**. [S. l.], 2023. Rio de Janeiro. Disponível em:

<https://pt.weatherspark.com/y/30563/Clima-caracter%C3%ADstico-em-Rio-de-Janeiro-Brasil-durante-o-ano#:~:text=Ao%20longo%20do%20ano%2C%20em,superior%20a%2035%20%C2%B0C>. Acesso em: 26 jun. 2023.

ZUÑIGA, Solange. A importância de um programa de preservação em arquivos públicos privados. **Registro**, Indaiatuba, ano 1, n.1, 2002. Disponível em: <https://ppgpat.coc.fiocruz.br/images/Editais/2021/ZIGA-Solange-Sette-G.-de.pdf>. Acesso em: 12 jun. 2023.